

ORGANIZADORAS
Silvana Vilodre Goellner
Christiane Garcia Macedo



LENEA GAELZER

Coletânea de textos sobre
RECREAÇÃO E LAZER

Coleção GRECCO



LENEA GAELZER:
Coletânea de Textos sobre recreação e Lazer

Organizadoras:
Silvana Vilodre Goellner
Christiane Garcia Macedo

Coleção GRECCO
2013



Coleção GRECCO

A Coleção GRECCO é um projeto editorial do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem como proposta a publicação de livros eletrônicos privilegiando obras clássicas e contemporâneas no campo da Educação Física em interface com as Ciências Sociais e Humanas. História, Memória, Gênero, Sexualidade e Mídia são temas de maior interesse. A criação da coleção integra o movimento de acesso livre à informação científica.

Coordenadora da Coleção:

Silvana Vilodre Goellner

Conselho Editorial:

André Luiz dos Santos Silva (FEEVALE)

Angelita Alice Jaeger (UFSM)

Ivone Job (UFRGS)

Lívia Tenório Brasileiro (UPE)

Ludmila Mourão (UJF)

Meily Assbú Linhales (UFMG)

Victor Andrade de Melo (UFRJ)

Copyright © 2013 Centro de Memória do Esporte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Extensão: Sandra de Deus

Vice-pró-reitora de Extensão: Claudia Porcellis Aristimunha

Escola de Educação Física – ESEF – UFRGS

Diretor: Alberto Reinaldo Reppold Filho

Vice-diretor: Flávio Antônio de Souza Castro

Centro de Memória do Esporte – CEME

Coordenadora: Silvana Vilodre Goellner

Revisão: Ivone Job e Naila Touguinha

Projeto Gráfico (Capa): Carlos Eduardo Galon

Projeto Gráfico e diagramação (Miolo): Renato Penna

Fonte de imagens da Capa: Lenea Gaelzer (Década de 1960, Acervo Pessoal de Carlos Guilherme Gaelzer)

Esta publicação foi concebida a partir do material que integra o acervo do Centro de Memória do Esporte.

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada corretamente a fonte.

G127c	Gaelzer, Lenea 19.. – 19... Coletânea de textos sobre recreação e lazer. / Organização de Silvana Vilodre Goellner e Christiane Garcia Macedo - Porto Alegre: Centro de Memória da Escola de Educação Física da UFRGS: FUNDERGS, 2013. 113 p., il. ISBN: 978-85-66106-12-1 1. Lazer. 2. Recreação. I. Goellner, Silvana Vilodre (org.). II. Christiane Garcia Macedo (org.) CDU: 379.8
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da ESEF da UFRGS

Agradecemos a Lillian Gaelzer Wertheimer, Ana Elisa Gaelzer Sigot e Carlos Guilherme Gaelzer, irmã e filhos da professora Lenea, pelo acervo doado ao Centro de Memória do Esporte e pela autorização para realizamos essa publicação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
PREFÁCIO	08
TEXTO I	12
A recreação pública em Porto Alegre: evolução histórica.....	14
Liderança Recreacional.....	22
As atividades de grupos na recreação: formação de clubes	36
TEXTO II - LAZER, RECREAÇÃO E TRABALHO	57
Lazer	58
Recreação	70
Projeto de carta do lazer elaborado durante o II Congresso Internacional - Bruxelas - 1976, Fundação Van Clá	94
TEXTO III - O COMPORTAMENTO NO LAZER: PROBLEMAS DE PESQUISA	97
Sobre Lenea Gaelzer	119

Apresentação

Lenea Gaelzer: coletânea de textos sobre recreação e lazer resulta do compromisso do Centro de Memória do Esporte em ampliar a acessibilidade aos seus acervos e coleções. Motivadas pelo reconhecimento da importância da professora Lenea para o desenvolvimento de estudos e intervenções no campo do lazer, da recreação e das políticas públicas organizamos essa obra cujo objetivo é divulgar estudos outrora publicados e que hoje são difíceis de serem encontrados seja em livrarias, seja em bibliotecas universitárias.

Os textos originais que integram a coletânea pertencem à coleção Recreação e Lazer, a qual foi estruturada a partir da doação que a família Gaelzer fez para o Centro Memória do Esporte de materiais da professora Lenea e de seu pai, o professor Frederico Guilherme Gaelzer. Tal coleção comporta documentos, fotografias, anotações pessoais, certificados, programas, ementas de disciplinas, artefatos tridimensionais, enfim, um sem-número de registros que atestam a relevância dessas duas pessoas para o campo do lazer e da recreação do Brasil e no exterior.

Dentre esse profícuo material nos deparamos com três livretos publicados na década de 1980 cujo conteúdo expressa o que sua autora analisa, estuda e coloca em ação. Dada a relevância destes textos, publicados em um tempo no qual ainda eram incipientes estudos com essa temática, decidimos reuni-los em um só livro, facilitando sua consulta e divulgação.

Esboçada essa intenção convidamos familiares da professora Lenea para uma reunião no Centro de Memória do Esporte na qual apresentamos as ações que desenvolvemos para a guarda, catalogação e divulgação do acervo que haviam doado no ano de 1997. Nesse mesmo

dia apresentamos a proposta da coletânea que foi imediatamente acatada e sua publicação autorizada por Lilian Gaelzer Wertheimer (irmã) e Ana Elisa Gaelzer Sigot (filha) a quem agradecemos pela gentileza e sensibilidade. Agradecemos também a Carlos Guilherme Gaelzer (filho) que disponibilizou as fotografias aqui publicadas e que representam diferentes momentos da trajetória da professora Lenea.

Enfim, é com grande satisfação que apresentamos essa coletânea pois estamos certas de que será útil para trabalhos e análises no campo do lazer e da recreação. Além disso cumpre outro papel: possibilitar que novas gerações conheçam o trabalho dessa importante professora cuja atuação qualificou o trabalho empreendido pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ensino, na pesquisa e na extensão.

Boa leitura!

Silvana Vilodre Goellner*

Christiane Garcia Macedo**

*Professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Centro de Memória do Esporte e do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo.

**Doutoranda em Ciências do Movimento Humano - Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do Centro de Memória do Esporte e do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo.

PREFÁCIO

Sinto-me honrada pelo convite para prefaciар esta obra de Lenea Gaelzer, uma professora e pesquisadora que nos brindou com vários textos sobre a recreação e o lazer, alguns dos quais foram reunidos nesta Coletânea. Os escritos da autora testemunham e registram algumas facetas da recreação e do lazer no Brasil, em especial no decurso das décadas de 1970-1980, quando os estudos sobre a temática se expandem e se consolidam em nosso país.

A obra de Lenea preserva e confere destaque às vivências e aos saberes sistematizados, pelo professor Frederico Guilherme Gaelzer, no âmbito da recreação pública em Porto Alegre e em vários municípios do Rio Grande do Sul. De fato, Lenea foi uma das principais seguidoras e divulgadoras do legado construído por seu pai a partir de 1926, compartilhando com ele a preocupação de ampliar os espaços, de expandir a oferta de atividades recreativas educativas e de investir na formação de profissionais para desenvolvê-las, por exemplo. Ambos foram docentes da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, cada um ao seu tempo e mobilizado por seus próprios interesses, abriram novos caminhos de discussão para a recreação e o lazer no Brasil, em especial no contexto da Educação Física.

Por isso, estão equivocados aqueles que consideram que Lenea era apenas uma discípula de Frederico Gaelzer. Seguindo perspectivas próprias, ela contribuiu com o aprofundamento de conhecimentos, com a formação de profissionais e também com a intervenção comunitária no campo da recreação e do lazer, sendo uma autora reconhecida por seus pares pela qualidade de sua produção acadêmica. É assim que essa Coletânea precisa ser vista: como uma obra contextualizada em seu tempo e espaço que nos

possibilita compreender, de acordo com as perspectivas de uma autora como Lenea Gaelzer, os percursos seguidos pelos estudos sobre a recreação e o lazer no Brasil na década de 1980.

De forma geral, os três textos que integram esta Coletânea evidenciam o esforço da autora por fundamentar conhecimentos sobre a recreação e o lazer, o que foi marcado por uma nítida influência dos estudos norte-americanos sobre essas temáticas. Na maioria das vezes, os autores que embasam os estudos de Lenea Gaelzer seguem um enfoque prescritivo, o que se faz presente nas discussões por ela empreendidas e que, ainda hoje, constituem um desafio a ser superado em nosso meio.

Na obra *Lazer, recreação e trabalho* (2ª edição datada de 1985), inicialmente Lenea Gaelzer discorre sobre os conceitos de lazer e recreação. Após apresentar o ponto de vista de diversos autores, conclui que três elementos interdependentes são imprescindíveis para o entendimento do lazer: tempo, atividade e atitude. Atualmente, esses três elementos ainda são considerados na discussão teórico-conceitual sobre o lazer. A recreação, por sua vez, é tratada como uma experiência que tem três funções basilares: pedagógica, formativa e compensadora - nesse último caso, há uma vinculação com o trabalho, o que é retomado na terceira parte do texto, que aponta a importância de programas recreativos para o público trabalhador.

A segunda obra que compõe esta Coletânea foi constituída por textos que tratam de assuntos distintos, porém, relacionados. Seu título é *Histórico, liderança, formação de clubes*. Tendo como pano de fundo as abordagens pedagógicas e psicológicas com sentido humanista, Lenea principia suas considerações salientando a importância dos grupos organizados para a formação de clubes em recreação. Seguindo alguns dos valores vigentes na época, destaca a recreação como uma via educativa com potencial de

colaborar com a harmonia e com o ajustamento social - algo que, hoje em dia, é questionado por muitos que vivem em sociedades desiguais e injustas como a nossa e que requer contribuições nessa direção.

Em seguida, a autora se debruça sobre o desenvolvimento histórico da recreação pública em Porto Alegre, destacando o decisivo papel de Frederico Gaelzer nesse contexto. Por fim, focaliza diferentes aspectos que interferem na "liderança recreacional" e tece considerações que, apesar de seguirem um enfoque prescritivo, apresentam vários elementos que subsidiam a discussão no âmbito da formação profissional em lazer e recreação. Lenea entende que a liderança dos profissionais precisa ser alicerçada em uma base cultural e em conhecimentos teóricos e práticos que garantam êxito na condução dos programas. Preocupada com essa questão, a autora se dedicou à formação em nível de pós-graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul para que os profissionais pudessem atuar com o lazer comunitário em âmbito nacional.

Finalmente, a terceira obra que compõe esta Coletânea é intitulada Comportamento no lazer (1986). Nesse texto, percebe-se a professora engajada na difícil tarefa de auxiliar seus alunos a enveredar pelos caminhos da pesquisa. Para isso, Lenea sugere vários temas e problemas de pesquisa para os alunos do Curso de Especialização em Lazer e Recreação. Além disso, a autora se empenha em buscar novos aportes teóricos e metodológicos que fundamentem a questão do comportamento no lazer sob vários enfoques.

Sem dúvida, as considerações tecidas nesta Coletânea são significativos aportes para a recreação e para os estudos sobre o lazer no Brasil, abrindo possibilidades para aprendermos cada vez mais sobre essas temáticas.

Para homenagear Lenea Gaelzer, finalizo com uma poesia de Adélia Prado que expressa a dimensão humana

contida nos escritos dessa autora que tanto contribuiu com os estudos sobre o lazer e a recreação no Brasil:

"Acho que tudo que acontece
é feito pra gente aprender cada vez mais,
é pra ensinar a gente a viver. Desdobrável.
Cada dia mais rica de humanidade."

Christianne Luce Gomes*

*Professora da Universidade Federal de Minas Gerais

TEXTO I

HISTÓRICO

LIDERANÇA RECREACIONAL

**ATIVIDADES DE GRUPO NA RECREAÇÃO:
FORMAÇÃO DE CLUBES**

1985

"Cabe ao homem moderno e sobretudo ao jovem a responsabilidade da direcionalidade criativa, uma vez que seu desempenho histórico será o de participar na criação de uma nova cultura como instrumento de elaboração de formas de existência não antagônicas a quanto é essencial à plenitude da vida humana. Os verdadeiros jovens são aqueles que sabem colocar numa perspectiva filosófica criativa os problemas do mundo, da vida e da sociedade e assumir o mundo novo que começa a nascer." NOVAES (1972.p.165)

A RECREAÇÃO PÚBLICA EM PORTO ALEGRE: EVOLUÇÃO HISTÓRICA*

A Recreação Pública organizada, como um órgão municipal junto à Prefeitura de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, nasceu por iniciativa de F. G. GAELZER, em 1927.

Uma área livre. A natureza representada pelo verde de algumas árvores e ao entardecer a passurada em coro, como se tivesse aplaudindo os folguedos espontâneos de crianças e de jovens que treinavam suas habilidades, atendendo à necessidade natural de lazer. Alguns pneus usados, pendentes nos galhos, começaram a transmitir um sentido de propriedade àquele recanto. Os ímpetos de lideranças das atividades voluntárias eram forças integradoras que não raras vezes se manifestavam em atitudes anti-sociais.

Um líder mais experiente, professor idealista com uma consciência social definida, passou a partilhar com aquela população o mesmo entusiasmo, procurando canalizar as necessidades básicas daqueles cujas mentes estavam despertas e receptivas, esperando uma orientação para o seu tempo livre.

"Alto da Bronze", hoje praça general Osório, certamente como muitos outros recantos livres da cidade em crescimento, era o centro de concentração de jovens e de crianças que deveriam escolher por eles mesmos o que fazer dos momentos que passavam fora da escola e distantes da família.

Segundo CUTTEN, (*apud* Silva, 1971, p. 18) "O bom uso do lazer foi elemento preponderante em todas as civilizações que sobreviveram; ao passo que seu mau emprego levou à ruína as civilizações que desapareceram da face da terra. A moral idade é o primerio baluarte a cair, na batalha de qualquer

*Todos os títulos e texto foi mantido na forma original.

civilização. A decadência de todos os povos começou com a corrupção dos costumes".

O problema estava criado e a população reclamava um direito que sempre foi seu. Estariam aqueles jovens e as crianças preparados para enfrentar a liberdade de escolha? O que teria a família e a escola realizado nesse sentido? O valor daquele local e das atividades ali desenvolvidas iria depender do uso que lhe seria atribuído.

Naquele ambiente inquieto, vivo de experiências que rompiam conceitos tradicionais de ordem e de disciplinas, surgiram programas. Era um processo de viver e a qualidade das atividades era acentuada em importância, diante de interesses de dirigentes superiores nem sempre receptivos e esclarecidos sobre o valor social do empreendimento pioneiro que se iniciava em âmbito nacional.

Incontáveis dificuldades de toda a ordem não constituíam empecilhos a que os programas evoluíssem e fosse mantida uma orientação e uma filosofia: a recreação como um direito da criança, do jovem, do adulto moço e do velho. Na primeira fase, em especial, com objetivo pedagógico e de crescimento; na juventude e madurez, como objetivo formativo, integrador, criativo e social; na velhice, uma compensação, criando novos estímulos e oferecendo a continuidade do aperfeiçoamento individual.

Pouco depois, uma cancha de esporte, dois times, um clube liderado pelos próprios jovens ...

Revendo documentos da época, podem ser encontradas essas informações:

"Em 1927, o líder dos "vagomestres"* já era então o presidente de um clube desportivo da praça, demonstrando

*Para a finalidade de organização de grupo nem sempre com objetivos sociais definidos, os participantes de atividades juvenis eram popularmente chamados "vagomestres"; possivelmente o termo tem origem do vocábulo "vago-mestre" desaparecido dos modernos glossários.

qualidades sociais positivas e educacionais; mais tarde o seu nome seria escolhido por jovens universitários para ser patrono de um diretório acadêmico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De um centro de delinqüência, o "Alto da Bronze" se havia transformado em uma "escola" de dever para com a sociedade."

Segundo GAELZER (1952, p. 3) "observações como estas podem ser colhidas em todo o mundo demonstrando um testemunho de que a delinqüência juvenil é regulada pela qualidade de lazer que cada cidade dispensa a sua mocidade".

A partir dessas experiências outros locais aparelhados com canchas de esporte, recantos infantis, jardins de infância, bibliotecas, foram instalados: Praça Florida, Praça Pinheiro Machado, Praça Garibaldi, Praça José Montauray, Praça Jaime Teles.

Na publicação do Boletim Técnico Informativo, (1964, p. 2) do Serviço de Recreação Pública da Prefeitura Municipal, edição comemorativa do 35º aniversário de fundação, encontra-se:

"Em 1929 foram criadas as praças de Educação Física, subordinadas ao então Departamento de Praças Públicas e Jardins, sendo seu fundador o professor F. G. GAELZER, que também foi oficialmente seu primeiro chefe." Segundo a mesma fonte, a primeira alteração sensível ocorrida data de 1940, quando foi criado o Departamento Municipal de Educação Física. Em 1949 foram iniciados os estudos para a criação do Serviço de Recreação Pública que em 1950, oficializado pelas leis 500 e 501 ficou subordinado diretamente ao Gabinete do Prefeito Municipal. Também coube ao professor GAELZER a chefia do serviço nessa nova fase. Programas variados e específicos eram realizados em todos os setores: jardins de infância, teatro infantil e amador para adultos, bibliotecas infantis, técnica e ambulantes; parques balneários movimentados pelos escolares e população em

geral, nas campanhas de nataçãõ e ensino do remo; parques esportivos com campeonatos por temporadas, disputados entre clubes de bairros; recantos infantis; conferências, cursos especializados, exposições, concertos, excursões orientadas, comemorações cívicas e folclóricas, organizaçãõ dos desfiles carnavalescos.

Algumas iniciativas foram tomadas no sentido do turismo, com vistas ao aproveitamento das ilhas do Rio Guaíba, como novos recursos naturais para instalaçãõ de locais para acampamentos e excursões; estudos relativos à organizaçãõ de colônias de férias para menores carentes das Vilas Populares, seguindo a iniciativa de 1940 da Secretaria de Estado dos Negócios da Educaçãõ e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Na justificativa de orçamento para 1954 do Serviço de Recreação Pública (p, 1) podem ser encontrados estes termos:

"O administrador da Recreação Pública preocupa-se com o resultado imediato de seu trabalho, que pode ser traduzido na necessidade da construção de novos Jardins de Recreio, Centros Cívicos Sociais (o grifo é nosso), ginásios, piscinas e Balneários e na promulgação das múltiplas oportunidades de que se compõe a vida recreativa da cidade. O produto desse trabalho é representado pela afluência e interesse de participantes alistados em seus programas de atividades. Aumentar a quantidade e a qualidade das mesmas é responsabilidade do diretor da Recreação Pública."

De acordo com DUMAZEDIER (1973), seria insuficiente descrever conteúdos de lazer da maneira como evoluem ou poderiam evoluir; é de suma importância estudá-los como um resultado.

O equilíbrio de forças sociais e culturais, em especial a evolução dos conteúdos dos programas diversificados que atendessem às demandas de uma população em rápido

crescimento, exigia nova reforma na estrutura administrativa; e em 1955, a lei nº. 1413 determinou a reformulação geral do serviço, sendo criado então uma Secretaria Municipal de Educação e Cultura, com a divisão de Cultura Popular e a Superintendência do Ensino Municipal, originariamente Setores de Jardins de Infância e de Cultura do Serviço de Recreação Pública, permanecendo o Serviço de Recreação Pública com os setores esportivos: praças, parques e balneários além dos recantos infantis.

É oportuno observar que o Serviço de Recreação Pública cresceu em proporção relativa ao desenvolvimento da cidade e subdividiu-se por imposição do próprio progresso e pelas renovadas necessidades sociais, educacionais e culturais da população.

Vale salientar e reconhecer que os órgãos educacionais e culturais da Prefeitura de Porto Alegre nasceram oficialmente da Recreação Pública organizada. Seria o momento de louvar a orientação pedagógica inicial daqueles programas que asseguraram a conquista de todo o progresso posterior.

Conforme RODRIGUES, ZENARI (1963) na oportunidade do 1.º Seminário de Recreação em Porto Alegre, organizado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, um projeto do Serviço de Recreação Pública, planejava o atendimento de 7.000 pessoas em 40.000 metros quadrados de área disponível trazendo novamente a idéia da criação dos Centros Comunitários, denominados em 1954 de Centros Cívicos Sociais. A aspiração humanística dos centros estaria amadurecendo junto às autoridades governamentais, acompanhando o progresso tecnológico, social, educacional e cultural da cidade.

Com o objetivo de habilitar profissionais e lideranças para o lazer na comunidade de Porto Alegre e, ou mesmo, em âmbito estadual, a Escola Superior de Educação Física da UFRGS, em 1954 e 1963, realizou dois cursos de

especialização em Recreação para professores de educação física, com duração de dois semestres. Naquela ocasião a ESEF da UFRGS, como uma instituição de ensino superior, era subordinada a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

O homem moderno, vivendo a era da velocidade, paradoxalmente se torna cada vez mais espectador e sedentário e menos ator. O Serviço de Recreação Pública, empenhando-se em uma campanha de atitude que viesse influenciar decididamente no comportamento da população para o lazer junto aos setores esportivos, achou por bem estimular as atividades esportivas e ampliar a sua equipe de líderes de recreação nas unidades; para alcançar esse objetivo, em 1966, estabeleceu um convênio com a Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o qual determinava o aproveitamento remunerado de alunos daquela instituição nos programas de Recreação Pública, já que a referida Escola, desde o ano de 1960, integrou a Disciplina de Recreação no currículo dos cursos que oferece até a presente data.

Segundo a Associação Internacional de Recreação, hoje ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE LAZER E RECREAÇÃO (1964, p. 46) em sua publicação, "La recreación en el mundo", "por volta de 1934, sob a direção de F. G. GAELZER, ANISIO TEIXEIRA, LOIS WILLIAMS e NICANOR MIRANDA, se estabeleceram em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e em outras capitais serviços municipais de Recreação e Educação Física, assim como terrenos públicos para jogos e Centros de Recreação".

Em 1970 os Centros de Comunidade absorviam a preocupação da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e eram iniciadas as construções daqueles centros, a fim de atenderem a uma demanda populacional cada vez maior, estimulando a educação permanente e a humanização da cidade. Pela necessidade de uma formação de lideranças

especializadas nos vários setores criados pelos Centros de Comunidade, em 1973 a Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Porto Alegre estabelecia convênio com a Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, com o objetivo de ser criado um Centro de Lazer e Recreação que promovesse cursos de especialização a nível de pós-graduação.

Oportuno seria, no dia de hoje, o reconhecimento público a todos aqueles que se empenharam em deixar esse legado valioso a Porto Alegre e a sua gente. Provavelmente a melhor demonstração de êxito de todos aqueles pioneiros tenha sido saber até onde poderiam auxiliar as nossas crianças, a jovens e a adultos a estabelecerem por si mesmos uma escolha de cujo íntimo sempre pudesse surgir uma inspiração melhor; uma vivência que, de algum modo, favorecesse momentos dignos de serem vividos e multiplicasse situações de caráter positivo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - BOLETIM TÉCNICO INFORMATIVO SRP. Porto Alegre, n.º 35, novo 1964. Edição Comemorativa.
- 2 - CONGRESSO MUNDIAL DE RECREAÇÃO, Japão, 1964. La recreación en el mundo. Caracas, Consejo Venezolano dei Nino, 1966, p. 46.
- 3 - DUMAZEDIER, J. Lazer e Cultura Popular. São Paulo, Editora Perspectiva S.A. 1973.
- 4 - GAELZER, F. G. Recreação Pública. Porto Alegre, Faculdade Católica de Filosofia, 1952. mimeografado.
- 5 NOVAES, M. H. Psicologia da Criatividade. R. Janeiro, Editora Vozes Ltda, 1972.
- 6 PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Lei n.º 500/1950 cria o Serviço de Recreação Pública. mimeografado.
- 7 - PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Lei n.º 501/1950 cria a taxa de Recreação Pública. mimeografado.
- 8 - PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Serviço de Recreação Pública. Convênio Escola Superior de Educação Física - UFRGS. 1966.
- 9 - PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Serviço de Recreação Pública. Justificativa para o orçamento de 1954. mimeografado.
- 10 - PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Serviço de Recreação Pública. (impresso de divulgação).

LIDERANÇA RECREACIONAL

Muitas comunidades ainda não perceberam que as atuais condições de vida nas cidades criaram a necessidade de liderança recreacional para jovens e adultos, da mesma forma que para crianças. Surge freqüentemente o argumento de que os jovens e adultos já têm maturidade para procurar sua própria recreação. Este limitado ponto de vista despreza completamente o fato de que os jovens e os adultos se encontram restringidos em suas oportunidades recreacionais devido às condições da vida urbana, da mesma forma que grande parte das crianças. Não há dúvida de que muitos adultos têm maturidade para escolher e capacidade de dirigir suas próprias atividades, mas eles não podem jogar voleibol, futebol, tênis ou outras, se não tiverem acesso, às canchas; nadar, se não existirem piscinas ou praias; praticar atletismo, se não tiverem à disposição instalações adequadas; tocar um instrumento musical ou participar de coros, se alguém não tomar a iniciativa de organizar uma orquestra ou grupos de canto, providenciar lugar para os ensaios e favorecer a prática de experiências em programas cuidadosamente planejados.

Considera-se liderança recreacional o conjunto de profissionais que se empenham na realização de programas na área do lazer comunitário, desde a escola até as associações e instituições de bairro que encontram naqueles programas oportunidades para a promoção humana. Daí a importância da existência do profissional em Recreação. Em alguns países a profissão de recreador já está regularizada e valorizada; tão importante como a regularização profissional devem ser também as condições de formação dessa liderança que deverá levar a bom termo os programas recreacionais.

Muita supervisão e controle nos programas recreativos podem prejudicar a espontaneidade da escolha das atividades. Os adultos, por exemplo, não gostam de ser dirigidos, eles preferem ter à sua disposição uma variedade de atividades organizadas. Em razão disto, por que haver a liderança na Recreação?

Qual a sua experiência em Recreação?

Como poderá um líder ter experiência, sem ter tido antes, em sua infância ou adolescência, posições de liderança?

A fim de responder a estas perguntas poder-se-ia questionar:

Qual a colaboração da escola, em geral, na formação prática dos líderes para a comunidade?

Na escola, as pessoas poderão iniciar o exercício da liderança para uma liberdade disciplinada, por meio de atividades recreativas: esta deverá ser uma preocupação constante entre as muitas na formação integral do cidadão prestante do futuro: a liderança surge naturalmente, pode ser desenvolvida e deve ser estimulada.

Essas reflexões sobre a liderança recreacional neste estudo devem ser consideradas como uma orientação geral que merecerá outras pesquisas aprofundadas e que constituirão assunto de um trabalho mais completo. Não é intenção do autor esgotar aqui terna de tanto interesse para os estudiosos do lazer.

No estudo da liderança recreacional deve ser considerado o fato de PARKER (1978) ter feito uma observação ao citar THELMA MC CORMACK (*apud* PARKER, 1978, p.23) na recreação é um sistema de controle social e, como todos os sistemas de controle social é até certo ponto manipulável, coersivo e doutrinador. O lazer não é nada disso", e declarado que a recreação, renovando o ego

e preparando para o trabalho, tem levado os críticos a comparar desfavoravelmente a recreação ao lazer.

Analisando essa posição deve-se primeiro ter em mente que o lazer, no estudo de PARKER (1978), ao se referir àquela autora, é um termo freqüentemente utilizado para designar algo semelhante à recreação, tanto que o autor assim se expressa: "...a recreação sempre indica algum tipo de atividade e como o lazer e o jogo não possui uma forma única". Com tal posicionamento, recreação, lazer e jogo se caracterizam como atividade.

A atividade, seja ela recreação, lazer ou jogo, pressupõe uma multiplicidade de trabalho 'tanto individual como coletivo. Por sua própria natureza exige condições mínimas de realização, modo de procedimento e maneira de execução, pois não se pode entender atividade no plano teórico. Para realizá-la o indivíduo necessita pensar, estudar e aprender; necessita encontrar seu próprio ritmo e equilíbrio testando a si mesmo e se organizando interiormente. Isso é um processo educativo e criador que oportuniza a análise consciente e a descoberta da dimensão humana. Com isso se estabelece uma ordem ou um sistema que se segue no estudo ou no ensino de qualquer disciplina. Por essa razão é de se acreditar que também o lazer, tanto quanto a recreação e o jogo, conceituado como atividade, seja passível de uma organização.

Oportuno é salientar que o lazer de que trata este estudo não é caracterizado tão somente como atividade (GAELZER, 1978), mas como um estado mental ativo, uma atitude associada a uma participação prazerosa e criadora. Por essa razão o lazer e a recreação devem ser analisados de maneira distinta; o lazer como um fim e a recreação como meio. A prática recreativa, como meio do indivíduo ocupar tempo consigo mesmo e alcançar a sua harmonia interior, será a atividade espontânea que nada tem de coersiva, doutrinadora, impositora ou manipuladora.

Uma acusação dessa natureza pode, também, demonstrar um conhecimento muito parcial sobre as necessidades humanas e as suas relações com o lazer, sobre a recreação, ou mesmo sobre as funções da liderança recreacional que é prevista pelos estudiosos do assunto em âmbito internacional.

Por outro lado, provavelmente o conceito de recreação, para THELMAMC CORMACK (*apud* PARKER, 1978), ainda esteja limitado à concepção de ser somente um direito da criança através do jogo, não alcançando a amplitude na vida humana em todas as idades, como se referiu FROEBEL *apud* NASH 1968, p.60): "a recreação é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem; proporciona alegria, liberdade, repouso exterior e interior, paz com o mundo".

O que provavelmente tenha levado alguns críticos a classificar atividades em lazer, recreação e jogo como coisas distintas e que na verdade são semelhantes no dizer de PARKER (1978), negando algumas e aceitando outras, talvez seja a preocupação de estabelecer princípios sobre os quais lançam uma doutrina, opinião ou teoria. Entretanto, no momento em que se determinam normas e padrões se estabelece o sistema, tanto para uma como para as demais atividades. Na realidade, há milhares de sistemas culturais de importância muito relativa e efêmera duração, que são desenvolvidos por diferentes grupos, como razão de sua existência. Com o desaparecimento de tais grupos extinguem-se os respectivos sistemas culturais. Isso é válido de se considerar em qualquer planejamento social.

Ainda, segundo SOROKIN (1968, p.1103), alguns grandes sistemas filosóficos do passado desapareceram e alguns dentre os sistemas contemporâneos também desaparecerão provavelmente. Mas a própria filosofia e os seus tipos fundamentais (materialismo, idealismo, racionalismo, empirismo, misticismo, cepticismo, e assim por diante), são perenes. Como exemplo podem ser citados

sistemas filosóficos, cujas filosofias resistem a milênios e que são lembradas até a presente data, conservando ainda a sua vitalidade: as idéias de Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Platão, Rousseau, Aristóteles e outros. Os sistemas culturais notáveis parecem durar um pouco mais do que os grandes grupos organizados. Para SOROKIN (1968), estes grupos de quando em quando se desintegram e cessam de existir, ao passo que os grandes sistemas culturais, por eles desenvolvidos, encontram, com freqüência, novos agentes humanos para lhes perpetuar a existência.

A recreação será o sistema para o lazer enquanto representar a manifestação pura da espontaneidade, da criatividade e do prazer individuais; quanto mais essenciais à sobrevivência e à criatividade da espécie humana forem os significados, os valores e as normas de tal sistema, mais longa será a duração provável de sua vida.

Daí a importância de ser considerado, pela liderança recreacional, que a orientação e o planejamento dos programas de atividades devam estar fundamentados na filosofia dos direitos humanos à liberdade. Por essa razão, provavelmente, é que GOUVEA (1969, p.230), tenha afirmado: a primeira atitude do recreador é planejar e elaborar programas com os que se recreiam e não para eles" (grifo do autor). Recreação é atividade criadora, diz ainda o autor, e tanto mais valiosa para o desenvolvimento da personalidade quanto mais intensamente vivida em todas as suas fases de elaboração. Referindo-se, ainda, à liderança, o autor acrescenta que a função de liderança recreacional será tanto mais segura quanto mais essa liderança tiver a capacidade de amar, de compreender a natureza humana e a consciência esclarecida dos fins da educação com uma posição filosófica definida.

Para GOUVEA (1969), as experiências universais têm demonstrado que a orientação das atividades recreativas, e,

portanto, a ação da liderança recreacional, é mais importante que instalações, equipamento e material adequado. Por esse motivo a liderança deve desenvolver uma base cultural e conhecimentos teóricos e práticos que lhes garantam êxito na orientação dos programas - em especial são recomendados conhecimentos de Biologia, Psicologia e Sociologia.

Preocupada com essa formação, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem-se empenhado em preparar recreadores em nível de pós-graduação, com vistas a um possível aproveitamento junto às unidades previstas para o lazer comunitário em âmbito nacional.

Reconhecidos o lazer e a recreação como manifestações de uma filosofia de vida e considerando que viver é evoluir, crescer, agir e lutar, o pragmatismo e o idealismo encontrados na evolução do estudo de SAKOMIZU (HUBRARD & WEISS, 1963), que envolvem o sentido de Recreação, são tão dinâmicos como voltar a criar e como aprender fazendo; nesse aspecto, o preparo da liderança em recreação deve incluir técnicas essenciais para o exercício da liderança e estabelecer um clima no qual os valores provenientes da experiência prática sejam alcançados, guardando-se equilíbrio com o desenvolvimento cultural e formativo.

Segundo BUTLER (1973), a importância de ensinar habilidades e de oferecer variadas oportunidades de lazer é, muitas vezes, subestimada por pessoas que não entendem a natureza e a finalidade da liderança. A habilidade constitui pré-requisito para a participação satisfatória em muitas formas de recreação. De certa maneira, adquire-se habilidade por meio de tentativas e erros, mas os líderes treinados podem dispensar certos indivíduos de experiências caras e desanimadoras. As pessoas preferem as atividades que executam bem e tendem a evitar as atividades, para as quais tenham pouca habilidade. Estimulando o desejo de auto-

aprimoramento e ajudando o recreando a aprender melhores meios de praticar velhos jogos e a melhor forma de executar novas atividades, o líder recreador aumenta a satisfação e o prazer que o recreando obtém da participação. Entre as primeiras funções do líder em recreação, está a de descobrir e desenvolver habilidades latentes e interesses potenciais de maneira estimulante e propulsora.

Para que seja conseguida uma liderança executiva eficiente, será indispensável que essa liderança possua experiências práticas anteriores nesse campo de profissionalização especializada. Quem nunca viveu a experiência de realizar e organizar programas recreacionais não possui recursos para aconselhar caminhos na solução de problemas ligados ao lazer e à recreação na comunidade. O valor da liderança em recreação (entendendo-se por liderança todas as pessoas, técnicos ou não, que têm a responsabilidade da realização de programas de atividades recreativas) é medido pela extensão com que atividades e atitudes são aprendidas e interesses criados persistem na vida futura, proporcionando ricas fontes de lazer. É duvidoso crer que os objetivos dos programas de formação de líderes sejam alcançados em sua plenitude tão somente com a teoria.

Segundo BAZARIAN (1973), a prática é superior à teoria. A experiência da vida, os conhecimentos práticos num determinado campo, valem mais do que os conhecimentos teóricos. Isto porque a prática é ao mesmo tempo: a) a fonte do conhecimento; b) a meta do conhecimento; c) o critério da verdade do conhecimento.

Se a teoria aparece como uma prática generalizada, espiritualizada, então a prática, por sua vez, aparece como uma teoria objetivada, materializada. Quanto mais conhecimentos práticos e teóricos, tanto maior é a probabilidade de acerto.

Daí a importância da união da teoria com a prática; da

necessidade de se ter um espírito flexível e realista e uma abordagem concreta e viva das coisas. E necessário aprender a ver as coisas tais quais elas são na realidade. E se a realidade contradiz a teoria, então é necessário abandonar a teoria e encontrar outra que seja reflexo mais fiel da realidade.

O dogmatismo estrangula o pensamento criador.

O que é verdadeiro em determinado momento, para uma determinada sociedade, pode deixar de sê-lo em outros tempos e circunstâncias. O conhecimento não é eterno, mas relativo. Daí a necessidade de se ter mente flexível, inquieta, ser intelectualmente curioso.

As atitudes se aprendem não tanto pela teoria, mas, pela vivência. "Viver situações significativas é que leva ao amadurecimento" (SCHMIDT, 1964, p.14). Acredita este autor que os meios de que se dispõe para integrar o lazer num sistema de valores, desenvolvendo as atitudes construtivas que possibilitem superior ajustamento à vida, leva o indivíduo a: a) saber assumir responsabilidades; b) conseguir auto-suficiência; c) ter o gosto da iniciativa; d) ser capaz de auto-expressão; e) adaptar-se satisfatoriamente a grupos; f) amar a coragem; g) cultivar o ser interior.

Unidades de Recreação como centros, praças, estádios, parques, auditórios, museus, clubes e mesmo os locais nas escolas, destinados à prática das atividades recreativas, não terão vida longa nem cumprirão seus objetivos se não houver pessoas responsáveis pelo bom andamento dos programas e pela subsistência do material. As unidades perderão suas finalidades se não tiverem líderes que estimulem e organizem as atividades, assegurando o bom comportamento social dos frequentadores e ensinando-lhes, muitas vezes, a viver melhor com seus semelhantes. Deixar funcionar uma unidade de Recreação sem líderes ou com líderes que não conhecem a sua missão, é prejudicar a satisfação da prática recreativa de muitos ou selecionar a poucos um direito que é de todos.

Não é suficiente trazer os jovens para as unidades de Recreação livrando-os dos males que provêm da liberdade sem orientação, mas fazê-los desenvolver um físico saudável e forte complementado de um apuro moral e espiritual. O aprimoramento de caráter com resultados satisfatórios está diretamente relacionado a uma cuidadosa seleção de atividades.

Liderança no campo da Recreação exige específicas qualidades pessoais; para isso, dois são os requisitos essenciais:

- personalidade bem formada;
- preparo profissional.

O líder deve saber como atuar entre os participantes de um programa. Ele precisa compreender as pessoas, fazer amigos, inspirar confiança e estar alerta aos problemas sociais. Deve também estar profissionalmente habilitado com conhecimentos gerais e específicos. Na preparação profissional é necessário salientar a importância da prática de atividades de grupo. Sem ter passado por várias experiências e sentido os problemas de liderança de perto é impossível o amadurecimento do líder para a Recreação.

Segundo BUTLER (1973), a liderança em recreação é necessária para aproximar pessoas de predileções idênticas, pois, na cidade moderna ou mesmo nas grandes instituições, as pessoas raramente conhecem outros indivíduos que estejam interessados nas mesmas atividades. A liderança também oferece aos jovens e adultos a oportunidade e a experiência de dirigir suas próprias atividades, proporcionando-lhes instrução quando esta se faz necessária. Atualmente, grande parte dos adultos possui menos interesses recreativos do que as crianças, porque em sua infância tiveram pouca oportunidade de brincar e de desenvolver habilidades recreativas. Inúmeros indivíduos nunca experimentarão o prazer de participar em atividades

recreativas, salvo se a liderança, estendendo-se aos grupos de adultos, tornar possível esta participação.

Ao planejar e dirigir programas, o líder recreador procura ajudar as pessoas a obterem auto-expressão, saúde, personalidade e desenvolvimento do caráter; leva em consideração os interesses e a habilidade individual; preserva a iniciativa, concedendo amplas oportunidades para atividades autodirigidas; considera a necessidade individual de cada um com relação ao reconhecimento e ao sucesso em suas experiências. Ele estimula a capacidade criadora do indivíduo e a exploração de novas áreas de atividade. Introduce nos programas novas atividades, de forma que o recreando tenha maior oportunidade de escolha. Ajudando o desenvolvimento de habilidades, ele aumenta a satisfação e o prazer que o indivíduo tem ao participar das atividades recreativas.

O verdadeiro líder para a Recreação estimula a organização dos programas, remove as inibições e os obstáculos, prepara novos líderes e abre horizontes para um lazer feliz favorecendo oportunidades para a formação de um cidadão hábil a enfrentar a liberdade do tempo livre. Liderar na Recreação é ajudar ao próximo a se educar e se dirigir. As pessoas não se associam e se organizam sozinhas e acidentalmente. Talvez a mais nobre função do líder seja ajudar as pessoas a desenvolverem suas personalidades e motivá-las à prática não só da atividade de que elas gostam e sabem, mas da atividade que elas necessitam e que gostariam de aprender.

A função primordial da liderança na Recreação é de direção e supervisão dos programas. Estes são variados e complexos, os problemas financeiros são freqüentes e as preferências dos vários tipos de grupos e de indivíduos requerem muita habilidade de realização que deve ser observada e considerada de suma importância.

Liderança em Recreação significa instrução. Instruir

pessoas para aproveitarem o tempo livre; demonstrar como melhor proceder para obter uma prática de atividades com maior sucesso; estimular a aquisição de habilidades variadas a fim de que ocorra uma escolha mais rica de atividades; dirigir e supervisionar programas previamente planejados com os indivíduos, eis a missão geral do líder no desenvolvimento de uma Recreação, cujos objetivos básicos são: recrear e educar para a vida na comunidade.

Liderança em Recreação significa também orientação. Orientar pessoas na seleção das atividades, estimular o interesse por formas construtivas de lazer, considerando as limitações, os problemas e as capacidades de cada um e mesmo da comunidade. A orientação educacional e o serviço de grupos devem' ser previstos e estimulados na Recreação; através desta função as habilidades criadoras precisam ser despertadas e cultivadas. O bom líder para a Recreação estuda os grupos, analisa as necessidades individuais e entusiasma a todos; é amigo das crianças e as assiste no desenvolvimento de suas personalidades. Uma orientação eficiente exige o interesse do líder. Ele necessita saber como auxiliar ao próximo e deve realmente querer auxiliar.

Ao se falar em liderança recreacional é importante salientar que em todo programa de trabalho na comunidade devem ser preservados cinco princípios básicos:

- da alegria e da criatividade;
- da saúde integral;
- da convivência e da sociabilidade;
- da influência educacional;
- dos direitos individuais.

A equipe profissional da área recreacional que desempenha suas funções em uma unidade poderá ser organizada em dois grupos:

a) Liderança direta ou técnica que trabalha diretamente com os recreandos; essa estabelece com as demais pessoas envolvidas nos programas os objetivos imediatos e específicos, planeja, implementa, realiza e avalia os resultados. A avaliação contínua é um fator importante para o aperfeiçoamento dos programas. A liderança direta deve ser constituída de profissionais com origens diversas; os provenientes das artes, da música e do canto, dos esportes, da comunicação, da ginástica, da dança e de outros mais que se fizerem necessários.

b) Liderança indireta ou administrativa é aquela constituída de elementos, de preferência com habilitação profissional a nível de pós-graduação, com a função de coordenar, supervisionar e administrar. Essa deve estabelecer os objetivos gerais dos programas a médio e longo prazo, envolvendo-se na política que orienta o processo social da comunidade.

Considerando o que foi exposto, dada a importância da ação do profissional de Recreação como educador e da influência que o mesmo poderá transmitir no desempenho de suas funções, poder-se-ia imaginar um perfil ideal desse líder, sobre o qual a liderança educacional em formação poderá meditar, discutir e auto-avaliar-se.

O líder para a Recreação deve ser:

Receptivo

Ativo e realizador

Não diretivo

Bom

Corajoso

Atualizado e sensível aos problemas sociais

Idealista

Sadio

O bom líder deve ter:

- a) Uma vida disciplinada (autodomínio, serenidade).
- b) Uma vida pensada, planejada.
- c) Uma vida situada dentro da realidade social onde vive, sabendo enfrentar os problemas e partindo para as soluções.
- d) Uma vida doada, com amor, compreensão com o próximo, capacidade de sacrifício e renúncia.

Considerando a liderança como a arte de influenciar pessoas, é de suma importância que as funções dos profissionais em Recreação sejam claras e definidas. Nesse sentido poderiam ser relacionadas como segue:

- a) assegurar os princípios da Recreação por ocasião do desenvolvimento do trabalho;
- b) difundir e perseguir os objetivos da Recreação com vistas à evolução humana;
- c) situar a Recreação nos demais programas da comunidade, favorecendo o processo social integrador no sentido de uma melhor qualidade de vida;
- d) conduzir-se com espírito criador de maneira a encontrar soluções renovadas de suas relações com outras pessoas e consigo mesmo;
- e) seguir as fases da solução deliberada dos problemas no sentido de: orientar, colher fatos necessários para o estudo da problemática do comportamento social, obter idéias novas como soluções experimentais e avaliar os resultados conseguidos.

O líder para a Recreação deve ser o homem do desenvolvimento que acredita na evolução do futuro e, com inquietude, está sempre pronto a renovar-se e acompanhar as mudanças sociais; toma consciência das necessidades do homem na vida moderna e possui uma visão ampla do futuro.

BIBLIOGRAFIA

BAZARIAN, Jacob. Intuição heurística. (Uma análise científica da intuição criadora). São Paulo, Alfa-Omega, 1973. 70p.

BUTLER, George D. Recreação. Rio de Janeiro, Lidador, 1973. 624p.

GAELZER, Lenea. Lazer, Recreação e Trabalho. P. Alegre. EMMA. 1978. 29p.

GOUVÊA, Ruth. Recreação. 4 ed. Rio de Janeiro, AGIR, 1969. 325p.

HUBBARD, Alfred W. & WEISS, Raymond A. Complete research in health, physical education and recreation. Washington D.E., American Association for Health, Physical Education and Recreation, 1963. 107p. v.5.

NASH, Paul. Autoridade e Liberdade na Educação. Rio de Janeiro, BLOCH, 1968. 365p.

PARKER, Stanley. A Sociologia do Lazer. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1978. 184p.

SCHMIDT, Maria Junqueira. Educar pela recreação. 3 ed. Rio de Janeiro, AGIR, 1964. 275p.

SOROKIN, Pitirim A. Sociedade, Cultura e Personalidade. Porto Alegre, Globo. 1962. v2.

AS ATIVIDADES DE GRUPO NA RECREAÇÃO: FORMAÇÃO DE CLUBES

INTRODUÇÃO

No passado, à medida que evoluíram os estágios sociais, as mudanças eram lentas e o homem se adaptava inconscientemente, organicamente. Trabalhava na terra e, para sobreviver com os meios que dela poderia usufruir, buscava conhecê-la, descobri-la de maneira a não distinguir o tempo senão pelo sol que lhe indicava o dia e a noite e os ciclos da lua que lhe davam idéia dos meses e dos anos. A vida natural do homem era sua escola. Ele brincava enquanto trabalhava e trabalhava como satisfação de suas necessidades.

A criatividade humana desenvolveu a cultura, a ciência e eclodiu a tecnologia.

Hoje, segundo PITHAN E SILVA (1971, p.16) "ensina-se e aprende-se o trabalho. A este se cataloga como atividade nobre, indispensável, biológica". Aliás, não se pode dizer o contrário, talvez esta idéia de nobreza tenha surgido com a Revolução Tecnológica que dividiu as tarefas diárias do homem e lhe provocou a necessidade de optar entre as obrigações de sobrevivência e a disponibilidade de si mesmo. No primeiro caso o trabalho ou o consumo remunerado do tempo, no segundo o tempo livre.

Comparando aquela sociedade primitiva com a sociedade atual, se pode inferir que a "escola-natureza" foi substituída pela "escola-máquina".

Hoje a tecnologia cibernética avança a passos de gigante e as conseqüências não são meramente materiais, invadem o espírito, a psicologia, a política e quase todos os aspectos da vida.

O homem tem sido preterido pela sociedade em benefício da máquina e da técnica: A sabedoria desaparece. O processo de raciocínio automatiza-se e a profunda meditação é substituída pela corrida de aquisição de maior poder material do homem na "competição social". Nesta situação ele se vê como "jogador solitário", julgado pelos padrões culturais a que está exposto e necessariamente deve se adaptar a eles.

Neste sentido ELGOZY (1976) faz lembrar que, enquanto não forem modificadas as relações das pessoas entre si, não se pode pretender que o progresso material contribua, de maneira decisiva, para a felicidade da humanidade. No afã de dominar as coisas, o homem reverencia mais a ciência do que o seu próximo. Para o autor há necessidade de humanizar o próprio homem. Obstinado em aperfeiçoar as coisas, o ser humano está negligenciando o aperfeiçoamento de si mesmo. O fanatismo da automação chega a sacrificar o indivíduo e a natureza.

Como poderá o homem encontrar um equilíbrio de adaptação no mundo de hoje, pressionado pelas injunções sociais e tentando ser "ele mesmo"?

No dizer de Fromm (1969), a passividade do homem na sociedade industrial é hoje um dos traços mais característicos e patológicos. Sendo passivo, ele não se relaciona ativamente com o mundo e é forçado a submeter-se aos seus ídolos e às suas exigências. Por conseguinte, sente-se indefeso, solitário e ansioso. Tem pouco senso de integridade ou de identidade própria. Passa seu tempo fazendo coisas nas quais não está interessado, com pessoas nas quais não está interessado, produzindo coisas nas quais não está interessado; quando não está produzindo, está consumindo.

Por contraste, é evidente e alarmante a maneira como se amplia a degradação dos valores espirituais e se generaliza, pelo mundo todo, a violência. Segundo FROMM (1969) ela é resultado do desespero e do vazio psíquicos e espirituais e do ódio resultante contra a vida.

Onde o homem vai encontrar o verdadeiro equilíbrio de suas necessidades básicas de:

- a) expressão?
- b) aventura?
- c) participação de grupo?
- d) movimento?
- e) afirmação?
- f) conservação?

Quando deve ser iniciado este processo?

Qual será a melhor forma de consegui-lo?

Aprende-se aquilo que no fundo do coração se sente e se aceita. Cada um tem no seu próprio viver e em si mesmo as soluções para os seus problemas.

Para GADOTTI (1978) não existe uma educação neutra; no interior da educação e do sistema escolar brasileiro há uma luta entre a necessidade de transmissão de uma cultura existente (ciência, valores, ideologia) e a necessidade de criação de uma nova cultura que é a tarefa revolucionária da educação; no estudo o autor propõe uma Pedagogia do Conflito.

A escola existe para ajudar o nosso povo a pensar e atuar. Em particular ela existe para estimular o raciocínio no sentido dos valores de uma personalidade bem formada e ajudar o estudante a atuar com critérios e ações sempre melhores.

O homem só poderá encontrar o equilíbrio de adaptação na sociedade moderna, compartilhando com o "outro", seja ele professor ou aluno, interagindo, se expressando, convivendo, selecionando as atitudes conforme seus interesses e aceitando de alguma forma os valores comuns dos padrões predominantes. Durante todos os momentos se

está observando, relacionando, atuando em algum sentido e transformando o que se aceita em caráter. Neste processo de crescimento a satisfação das necessidades básicas referidas deve ser observada.

O processo educacional se inicia na família, local de origem do próprio indivíduo, continua na escola e se projeta ao longo da vida toda; esta é a teoria moderna da educação continuada ou educação permanente.

Considerando para este estudo o comportamento humano como resultado da hereditariedade, da cultura e estrutura física, mental e espiritual, como harmonizar estas funções e o desenvolvimento integral para uma conseqüente atitude individual ajustada à sociedade?

Para KILPATRICK (*apud* GAELZER, 1976) a tarefa da educação talvez não seja tanto produzir homens eruditos, mas, principalmente e acima de tudo, que saibam sentir, pensar e agir. Estas afirmações são corroboradas por FICHTNER (1975, p.8): "nenhum saber tem valor se não for relacionado diretamente com a vida e ao modo de viver".

Segundo Asch (1960), nas ciências sociais, duas doutrinas descrevem de maneiras diferentes as características de grupos e suas relações com os indivíduos:

- a tese individualista apregoa que os processos psicológicos ocorrem somente nos indivíduos que são as únicas unidades acessíveis à observação. Esta posição insiste que, para compreender os fenômenos sociais, se necessita ligá-los às características dos indivíduos. Na tese individualista todas as instituições, crenças e hábitos decorrem dos princípios da psicologia individual, são produtos de comportamento individual e de motivos individuais. ALLPORT (1933), em sua época, possivelmente tenha sido o psicólogo que mais se destacou nos estudos da área do relacionamento humano e defendido mais compreensivamente a tese individualista;

- a tese da mentalidade coletiva estaria em oposição ao ponto de vista da tese anterior. Inicia pela observação de que, quando os homens vivem e agem em grupos, despertam forças e fenômenos que seguem suas próprias leis e que não podem ser descritos em termos de características dos indivíduos que os compõem. Desta forma a linguagem, a tecnologia, as relações de parentesco não são produto da mentalidade ou dos motivos individuais. Autores, como DURKHEIM(1938), falam do "grupo como uma realidade mental". O grupo é uma entidade diferente e resultante da soma dos indivíduos ou de relações concretas entre estes. Este é o ponto de vista de McDOUGALL (1939). De maneira geral, a tese da mentalidade coletiva sustenta o fato de que há na Sociedade forças maiores que as dos indivíduos e que estas são dominadas por aquelas; que os processos sociais não podem ser deduzidos dos fatos da psicologia. Com este ponto de vista o indivíduo é simplesmente uma célula do corpo social e transforma-se em suporte e expressão do grupo.

Acompanhando a tese da mentalidade coletiva, WHITE (1947 p.688) declara que "em vez de explicar a cultura em termos psicológicos, interpretamos o comportamento humano em termos de cultura. Distinguimos e contrastamos, assim, as interpretações culturalistas e psicológicas do comportamento humano". Valeria lembrar então a observação de ASCH (1960) quando tenta explicar as origens das duas posições em termos de análise e comenta com a idéia de que, se a análise dos fenômenos sociais se inicia pela análise do indivíduo, não se pode compreender a sociedade; se ela é começada pela sociedade pode não ser necessário compreender os indivíduos.

A tese do processo grupal é uma reversão da tese individualista, que nega a realidade das forças do grupo; a bagagem biológica e psicológica do homem não pode ser apresentada como explicação para as mudanças, estas

devem ser atribuídas diretamente aos processos culturais; no dizer de WHITE (1949 p.339) "a cultura é uma ampla corrente de instrumentos, utensílios, costumes e crenças que estão constantemente interagindo uns com os outros, criando novas combinações e sínteses".

Trazendo estas considerações ao estudo aqui proposto, chega-se à necessidade de uma formulação da relação entre o indivíduo e o grupo. As duas posições anteriormente citadas se encontram distantes uma da outra, cada uma negando o que a outra afirma. Apesar do radicalismo das teorias, nenhum estudante das relações sociais pode ignorar estudos que tiveram, como consequência, algumas doutrinas propostas pelos pesquisadores; elas têm influído no pensamento político e contribuído para a teoria psicológica.

DESENVOLVIMENTO

"A Recreação é uma forma de atividade espontânea, prazerosa e criadora realizada com um fim imediato em si mesma" (GOUVEA, 1969)

Como acontece a atividade recreativa?

- a) Por um "impulso" de energia interna. (O grifo é nosso)
- b) Por estímulos de ordem externa.
- c) Pela satisfação de necessidades individuais e grupais. (GOUVEA, 1969)

Esta dinâmica psico-físico-social vem encontrar harmonia com o que afirma MARINHO (1956) quando cita Rabelo, dizendo que o comportamento infantil baseia-se nos "impulsos" (o grifo é nosso):

- a) agressivo;
- b) para o desconhecido;
- c) gregário;
- d) sexual.

Por outro lado, para KRECH *et alii* (1972), o homem possui mais impulsos sociais do que qualquer outro animal; para os autores são os seguintes os impulsos sociais mais importantes que afetam ao homem ocidental, citados na magnífica obra "Psicologia Social":

- a) gregário;
- b) de aquisição de prestígio;
- c) de poder;
- d) de altruísmo;
- e) de curiosidade.

Algumas pessoas se sentem satisfeitas quando se encontram ao lado de outras; este prazer leva a maior parte delas a se sentir impulsionadas a reunir-se com seus semelhantes. Este impulso gregário justifica os estudos e a existência da psicologia social, a organização de grupos, clubes e das sociedades.

Sobre o impulso gregário, oportuno seria citar as investigações de SCHACHTER (1959): elas demonstraram que, quando uma pessoa se angustia, seu desejo de reunião com outros seres humanos aumenta. A companhia de indivíduos nas mesmas condições atua como uma redução da ansiedade; a presença física de outras pessoas é, em si mesma, confortável. Apesar da ansiedade constituir-se uma característica comum dos indivíduos na sociedade atual, este trabalho não permite um estudo profundo de casos patológicos. Seja qual for a origem da existência dos grupos, segundo KRECH *et alii* (1972), é certo que o impulso gregário conduz à formação de grupos.

A aquisição de riqueza aumenta a auto-estima. Para muitos indivíduos, entre atividades como a educação dos filhos, a prática religiosa, as artes, as distrações, a participação em assuntos da comunidade, ganhar dinheiro, para eles parece ser o mais importante; a aquisição de riqueza é a base

de todas as coisas. Apesar de não ser esta a posição que se quer salientar neste trabalho, deve-se reconhecer que a aquisição de riqueza é também essencial para o desenvolvimento psicológico do indivíduo e mesmo de uma cultura.

Por isto é de esperar que os homens lutem para conseguir um "status" e evitar o fracasso. O desejo de prestígio e de poder são os principais responsáveis pelas características que determinam as estruturas sócioeconômicas. Esse impulso, no entanto, pode conduzir à realização de obras transcendentais para a humanidade ou levar à manifestação de condutas anti-sociais e destruidoras.

O comportamento do ser humano está orientado tanto para si mesmo como para os demais. O homem deseja não somente progredir como também ajudar aos outros. O impulso de ajuda aos demais aparece desde a infância conforme KRECH *et alii* (1972) e é considerado pelos autores como muito pouco estudado. Com especial interesse se pode citar as pesquisas de SOROKIN (1950) nesse particular, as quais poderão orientar novos trabalhos.

O impulso de curiosidade leva o indivíduo a um interesse insaciável de exploração e de procura. A própria conduta lúdica da criança tem sido interpretada por muitos estudiosos como uma maneira de obter conhecimento do mundo que a rodeia. O desejo de conhecimento, em grande parte, parece relacionar-se com a necessidade do homem de resolver problemas práticos. O estudioso não só se satisfaz em resolver problemas que se apresentam, como também os cria pelo prazer de solucioná-los. Ao desenvolver algumas atividades, o indivíduo se encontra diante de diferentes situações que lhe exigem raciocínio, tomada de posição e decisão individual. Este impulso depende em parte do ambiente em que vive o indivíduo e varia de intensidade de pessoa para pessoa. Os estudos de CATTELL (1957), sobre a motivação humana, demonstram que o desejo de

curiosidade pode manifestar-se como o afã de ler, de escutar música, de estudar pintura e escultura, de assistir filmes e obras teatrais.

Partindo dessas considerações, a Recreação que se pretende para todo programa educativo é aquela atividade natural que exterioriza as forças vitais do indivíduo em seu processo contínuo de desenvolvimento. Tal atividade é a reação que corresponde à necessidade que tem origem em um interesse suscitado no próprio indivíduo que atua.

Muitos autores especializados em Psiquiatria e Psicanálise postulam a segurança como finalidade mais importante do desenvolvimento psíquico, chegando a considerá-la equivalente à saúde mental. No caso da criança, com maior razão, seria válida uma reflexão neste sentido. Um dos modos do indivíduo tolerar a insegurança inerentes à existência humana, proposto por FROMM (1976), "consiste em arraigar-se no grupo de tal forma que o sentimento de identidade esteja garantido na participação do grupo", seja na família, na escola ou na comunidade.

Inúmeros são os fatores que levam os jovens a agregarem-se em grupos, que este estudo não permite analisar. Entretanto, sabe-se que os grupos podem ser classificados em espontâneos e organizados. Espontâneos são aqueles cujos participantes, estimulados por um interesse comum, se congregam, desenvolvem habilidades específicas, interagem, se afeiçoam uns aos outros e crescem individualmente, enquanto a motivação permanece viva em relação ao objetivo pretendido. Importante é salientar que o grupo deve estar em função do indivíduo e nunca no sentido contrário. A atividade recreativa que leva o indivíduo a formar um grupo deve, necessariamente, ser um meio para o desenvolvimento pessoal, seja ela o esporte, a música, as artes, a literatura ou aquelas ao ar livre com objetivos relacionados à natureza.

O segundo caso, ou seja, o dos grupos organizados e do qual trata este trabalho, encontra apoio em MARINHO (1971, p.362) quando diz: "o clube não é constituído por um simples agrupamento de indivíduos; à sua existência, imprescindível se torna um interesse comum, ainda mesmo que ocasional, para que se possa desenvolver uma ação comum. O clube perdurará pelo tempo em que existir tal interesse".

Resumindo as informações sobre os clubes, salienta ainda o autor citado: "O principal objetivo das atividades dos clubes é aguçar o interesse do aluno e desenvolver sua habilidade e destreza e ajudá-lo de maneira inteligente a utilizar suas horas livres sempre sob a direção escolar". Mais adiante complementa o estudo, apresentando os fundamentos legais para a formação dos clubes.

Para a humanização do homem em uma sociedade tecnológica, em sua obra "A Revolução da Esperança", FROMM (1969) propõe um movimento que não seja burocrático, que não esteja ligado à política e que seja o resultado de esforços ativos e imaginativos pelos que partilham dos mesmos interesses e propósitos. Este movimento em si, em sua organização e método, seria a expressão da intensão a que é dedicado: educar seus membros para um novo tipo de sociedade no processo da luta por ela.

Interessante é observar que a proposição daquele autor tem sua metodologia fundamentada na organização de clubes com estilos próprios e uma vida cultural baseada em atividades das mais variadas: cinema, debates sobre livros e idéias, dança, esportes, música, arte, todas de tipo ativo e não consumidor.

A função seria criar uma nova atitude de caráter educacional e cultural, visando à transformação da sociedade em uma cultura humanística, baseada nas relações interpessoais, onde os interesses estariam voltados não

somente aos assuntos sócio-econômicos e políticos mas também para a arte, para a língua, para o estilo de vida e para valores humanizadores. Em suma, os grupos que formariam os clubes, propostos por FROMM (1969), teriam seus membros partilhando de uma filosofia de amor pela vida. Tentariam realizar um aprimoramento pessoal constante, praticando a meditação, a arte de estar calmo, sem cobiça, afim de compreender o mundo que o cerca e as forças interiores que o motivariam.

Segundo FROMM (1969, p.167), "se tais grupos existissem, exerceriam considerável influência em seus concidadãos porque demonstrariam a força e a alegria de pessoas que têm profundas convicções sem serem fantásticas, que são afetuosas sem serem sentimentais, que são imaginativas sem serem irrealistas, que são destemidas sem depreciarem a vida e que são disciplinadas sem submissão".

A autora deste trabalho, entretanto, gostaria de tecer algumas considerações que lhe parecem essenciais na formação dos clubes, antes das medidas que levam à fundação oficial dos mesmos.

No estudo das relações pessoais alguns fatores de ordem pessoal parecem ser o resultado de uma programação social e estão sujeitos a certos valores predominantes na sociedade. As influências que determinam estes valores são causadas pelas experiências que o indivíduo teve no lar, na escola e nos folguedos infantis, como criança, entre os seus companheiros. Dessas experiências muito dependerá o sucesso ou o fracasso do homem, participando ou não para o bem estar social. Exemplos daqueles fatores de ordem pessoal, entre outros, são a timidez, a agressividade e a criatividade.

A timidez leva à inibição; agressividade cria oportunidades do indivíduo negativamente aparecer. A ansiedade, a solidão e a depressão individuais na vida

moderna em muitos casos possivelmente sejam fatores relacionados ao problema da timidez: elas dificultam a comunicação, impedem a pessoa de pensar com clareza, sustentar seus valores e defender seus direitos.

Outro exemplo, que merece destaque e que é válido à preocupação dos educadores voltados às atividades recreacionais, é o fato da influência exercida pelo grupo e pelo professor sobre o desenvolvimento da criatividade. Em uma educação massificante será impossível se pretender este desenvolvimento. Se a originalidade, a flexibilidade e a fluidez de idéias constituem o critério mais freqüentemente assinalado como indicador da criatividade, como e quando a criança terá oportunidades para desenvolver aquelas qualidades pessoais sem que a família e a escola as considerem como prioridades para um bom desempenho social?

As atividades de grupo necessitam de uma orientação cuidadosa ao se pretender o desenvolvimento do comportamento criador. O grupo que exerce sobre o indivíduo uma pressão de conformidade resulta em um grande obstáculo para aquele desenvolvimento. Entretanto, em muitos casos, (o tipo de indivíduo criativo-social, aquele que configura criativamente as relações sociais) a participação em atividades de grupo constitui uma necessidade e condição insubstituível para o seu comportamento criador (ULMANN, 1972).

Neste sentido, como salienta esse autor, uma situação grupal favorável àquele desenvolvimento depende em grande parte da atitude educativa dos pais e dos professores. Supor que uma atitude permissiva, por parte dos educadores, excessivamente generalizada, é suficiente para facilitar o processo criativo e inexata. Os estudos de WODTKE e WALLEN (1965) demonstraram que uma atitude educacional permissiva não era mais favorecedora à criatividade do que uma atitude diretiva. Ainda sobre a orientação educativa do

professor, deve ser observado o que constatou RYANS (1961): uma correlação positiva entre o comportamento compreensivo, amistoso e original do professor e o comportamento produtivo dos alunos ocorre somente na escola de primeiro grau. No segundo grau o comportamento produtivo do jovem (participação em atividades de grupo, confiança em si mesmo, auto-controle e iniciativa) se encontra mais relacionado com a conduta estimulante do professor.

Segundo PRETTO (1978), o professor é capaz de manifestar alegria e bom humor, tornando a situação de aprendizagem numa atividade agradável e espontânea, prazerosa, descontraída, onde as belezas da matéria possam ser evidenciadas pelo professor e percebidas pelo aluno, evitando a dicotomia entre trabalho e diversão mas auxiliando-os a sentir que é possível alegrar-se estudando, uma vez que aprender é gratificação de necessidades reais do ser humano.

A relação entre o comportamento dos alunos e o dos professores entretanto não é tão acentuada no nível superior como nos graus de ensino anteriores. Estes dados são altamente significativos ao se pretender demonstrar que a conduta do professor é mais marcante ao tratar-se de alunos menores. Na escola de primeiro grau, em especial, o comportamento do professor deveria ser aquele que estimula e sugere a realização de tarefas conjuntas, que permite o respeito pelas idéias próprias dos alunos, evitando a manifestação de um juízo pré-estabelecido e castrador das iniciativas pessoais.

Os alunos deveriam ser animados a manifestarem suas opiniões, a estabelecerem os objetivos específicos das atividades do grupo, a aprenderem a defender e lutar pela realização das atividades que os levariam ao alcance daqueles objetivos. Só se chega a obter bons resultados em trabalho de grupo quando os seus membros se identificam com os objetivos das tarefas estabelecidas por eles.

Segundo FIEDLER (1964), a quantidade e a qualidade de rendimento do trabalho de grupo dependem da estrutura humana e das qualidades que deve ter o líder; dentro de um grupo coerente e harmônico, a posição de um líder que orienta os demais constitui fator decisivo para a qualidade do rendimento pessoal de todo o grupo. Cursos especiais para a formação de monitores poderão trazer proveito àquele rendimento se forem cuidadosamente ministrados.

Em lugar de avaliar e criticar continuamente as idéias dos alunos como falsas ou verdadeiras, o professor deveria limitar-se a indicar possibilidades de verificação da verdade ou a inconveniência do que pode ocorrer. O aluno deveria ter a oportunidade de submeter a provas suas idéias, não só mentalmente mas por meio de experiências práticas e ativas, pois o comportamento criador implica também na ação. A proibição de experimentar ludicamente muitas atividades priva o aluno das possibilidades do desenvolvimento criador. Para ROGERS (1959) só quando a criança é respeitada, sem ser avaliada, é que poderá viver sua própria capacidade de produção, ao que acrescenta HENLE (1963), e comportar-se com disciplina e liberdade.

O conceito de competição, em se tratando de educação, é assunto que deve merecer especial atenção dos educadores. Sabe-se que todos competimos de alguma maneira e que até certas formas de competir não são somente instintivas mas benéficas; a vida contemporânea pode vir a ser uma competição.

Algumas pessoas levam uma vida artificial outras vivem por suas inspirações e integridade, ambos os tipos são reais e existem. A realidade da luta pela vida é uma descoberta que o indivíduo sente desde muito cedo e a infância é a fase ideal em que ela pode despertar uma consciência diferente: que a vida pode ser plena, mais rica e mais profunda. A cooperação talvez seja o primeiro passo para fazê-lo sentir esta consciência.

O desejo de competir para a criança é sempre maior do que chegar à meta final. O jogo é um processo de busca e de procura e é difícil competir e descobrir ao mesmo tempo. Enquanto o indivíduo se concentra na competição não há muitas possibilidades de experimentar. Obscuro pela idéia de vencer, ele perde sua capacidade para jogar e aprender. Como bem se referiu ARNOLD (1966), a competição deverá ser estímulo para o aluno medir seu progresso e pouco a pouco aprender a dosar o seu esforço. O educador deve orientar a competição de maneira a não levar o esforço do aluno a uma meta inatingível, isto ocasionaria um sentimento de incapacidade e a atividade passaria a desencorajar. O grande prazer de cada um consiste em discernir e descobrir, por si mesmo, os meios de vencer as suas dificuldades (GAELZER, 1976).

Experiências com atividades de grupo em programas de escolas de primeiro grau levaram a autora do presente estudo a pesquisar sobre o número ideal de membros de grupos na infância. Os resultados têm comprovado, com relativa margem de acerto, que a capacidade gregária da criança, na faixa etária entre os nove e doze anos, alcança influência e interação até um número de oito membros para cada grupo.

A prática inicial de atividades é de fundamental importância. Muitos clubes são fadados ao fracasso se, anteriormente ao ato de sua instalação oficial, não houver a natural e integral interação dos membros de uma forma profunda.

A organização "deriva da amizade, da solidariedade e do sentimento de unidade" (GOUVEA, 1969). O grupo fica unido pelo interesse comum e pelo gozo da convivência, não pela organização formal que se ampara na diretoria e no estatuto, que devem ser conseqüentes, mas pelo que se poderia denominar o espírito do grupo.

Conforme a experiência neste campo, junto a crianças e jovens, a autora do presente trabalho observou que, em muitos dos ditos Grêmios Esportivos, Centros de Tradição e Folclore e/ou outros, os indivíduos participam de maneira artificial, como se estivessem representando um papel, no qual o diretor da peça é o diretor da escola ou da unidade de Recreação e os participantes os artistas que, no mais das vezes, agem com interesses compulsórios e não como seria desejável, espontânea, consciente, criadora e prazerosamente.

Para que ocorra um processo educativo, no sentido da formação de clubes, e exista realmente o "espírito de grupo", será sempre necessário que:

a) os indivíduos tenham participação direta na organização do programa de atividades;

b) a liderança, importante nesse processo, caracterizada pela presença do professor, assegure o controle dos padrões recreacionais e enriqueça os programas com sugestões que levem os indivíduos a uma realização pessoal;

c) os padrões recreacionais de que trata o item anterior devem seguir os princípios básicos da atividade recreativa que são: o da alegria e criatividade, da saúde, da convivência e sociabilidade, da influência educacional e dos direitos individuais;

d) o aconselhamento e a motivação para as eleições sejam conseguidos de maneira ampla, com discussões, debates e esclarecimentos sobre as funções de cada membro da diretoria, principalmente no sentido de destacar as qualidades pessoais de cada elemento; não de uma forma centralizada na crítica das pessoas em vista, mas no sentido social que estabelece a pessoa certa para uma função específica; desta forma todos colaboram para uma eleição consciente e se tornam convictos de que escolhem um candidato adequado às exigências da função que vai exercer;

e) a diretoria e o estatuto finalmente serão manifestações reais dos interesses do grupo e do "espírito de grupo"; com isto certamente os objetivos propostos serão alcançados pelos participantes. O estatuto deve representar o reflexo das aspirações sinceras de todos a ser renovado, reavaliado, sempre que se fizer necessário. Desta reavaliação é que se pode conseguir o que se chama em educação a retroalimentação (feedback) para a qual o professor, nesta altura do processo do clube, um conselheiro, deve estar sempre alerta, atualizado e consciente.

O bom líder para a Recreação estuda os grupos, analisa as necessidades individuais e entusiasma a todos; é amigo das crianças e as assiste no desenvolvimento de suas personalidades (GAELZER, 1978).

CONCLUSÃO

As atividades de grupo e os clubes podem ser uma proposta para a democratização do processo educacional brasileiro. SPROTT (1960), citando estudos de MacRae, afirma que "os indivíduos que encontram apoio integral de amigos nas soluções dos problemas se tornam emocionalmente mais maduros"

No convívio com outros se recebe novo entusiasmo, se desenvolve o espírito de fraternidade, alargam-se as experiências e se adquire maior habilidade para adaptação social.

A falta de harmonia individual está tornando difícil conjugar as políticas nacionais e internacionais com os adequados objetivos sociais.

O homem, à medida que domina a si próprio, pode e deve dominar a evolução, modelando uma cultura segundo as necessidades humanas e realizando a sua autoformação no sentido de uma melhor qualidade de vida.

À luz dessas reflexões, que têm raízes profundas nas

experiências de psicólogos norte-americanos que vivenciam os problemas causados por uma tecnologia avançada e, considerando que este país se lança em um desenvolvimento industrial cada vez mais acentuado, possivelmente seja agora o momento de se reavaliar os objetivos da educação nacional, no sentido de se contribuir para uma cultura humanística. Não faltam exemplos para se pretender que a criança de hoje não seja o homem alienado da sociedade do futuro.

BIBLIOGRAFIA

ALLPORT, F.H. Institutional Behavior. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1933.

ARNOLD, A. Como Jugar Con Su Hijo. Buenos Aires, Kapelusz, 1966.

ASCH, S.E. Psicologia Social. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960.

CATTELL, R.B. Personelity and Motivation Struture and Measurement. New York, World,1957.

DURK HEI M, E. The Rules of Sociological Method. Chicago, University Press•.1938.

E LGOZY, G. O Blefe do Futuro. Rio de Janeiro, Artenova, 1976.

FICHTNER, N. *et alii*. tntluêncie-de Escola no Desenvolvimento da Personalidade. Buenos Aires, s.ed., 1975 (mimeografado).

FIEDLER, F.E. The Effect of Group Climate on the leeder's Influence on Creative Group Performance. In Widening Horizons in Creativity, 1964.

FROMM, E. A Revolução da Esperança. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

FROMM, E. Psicanálise da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

GADOTTI, M. Revisão Crítica do Papel do Pedagogo na Atual Sociedade Brasileira (Introdução a uma Pedagogia do Conflito). Revista Educação & Sociedade, São Paulo. Unicamp/Cortez & Moraes, Set. 1978. Ano I, n.º 1 - (12): 5-16.

GAELZER, L. O Recreio na Escola de Primeiro Grau. Porto Alegre, UFRGS, 1976.

GAELZER, L. Lazer, Recreação e Trabalho. Porto Alegre, EMMA, 1978.

GAELZER, L. Liderança Recreacional. Porto Alegre, EMMA, 1978.

GOUVIA, R. Recreação. Rio de Janeiro, Agir, 1969.

HENLE, M. The Birth and Death of Ideas. *In: Gruber, H.E. et al. Eds. Contemporary Approaches to Creative Thinking*, 1963.

KRECH, D. *et alii*. Psicologia Social. 2.ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.

MARINHO, I.P. Curso de Psico-Pedagogia Hedonista. Rio de Janeiro, Baptista de Souza, 1956

MARINHO, I.P. Educação Física, Recreação e Jogos. 2.ed. São Paulo, Brasil Ed., 1971.

McDOUGALL, W. The Group Mind. Cambridge, University Press, 1939.

PRETTO, S.P.N. Educação Humanística: Características de Professores e seus Efeitos sobre Alunos. S. Paulo, Cortez. C. Moraes, 1978.

ROGERS, C.R. Creativity and its Cultivation. Boston, Houghton Mifflin, 1961.

RYANS, D.G. Some Relationships Between Pupil Behavior and Certain Teacher Characteristics. *In: Journal of Educational Psychology*, 52, 1961, 8290.

SCHACHTER, S. The Psychology of Affiliation: Experimental Studies of the Sources of Gregariousness. Stanford, California, Stanford University Press, 1959.

SPROTT, W.H.J. Grupos Humanos. Buenos Aires, Paidós, 1960.

SOROKI N, P.A. Altruistic Love: a Study of American "Good Neighbors and Christian

Ssints". Boston, Beacon Press, 1950.

ULMANN, G. Creatividad Una Visión Nueva y Más Amplia del Concepto de Inteligencia en la Psicología Americana. Madrid, Rialp, 1972.

WHITE, L.A. Culturalogical and Psychological Interpretation of Human Behavior. American Sociological Review, 1947.

WHITE, L.A. The Science of Culture. New York, Farrar, Straus. Copyright 1949 de Leslie A. White.

WODKE & WALLEN. Teacher Classroom Control, Pupil Creativity and Pupil Classroom Behavior. *In: Journal of Experimental Education*, 1965.34, p.59-63.

TEXTO II

LAZER, RECREAÇÃO E TRABALHO

1985

LAZER

Por ser o lazer assunto de permanente envolvimento humano, em todas as idades, merece revestir-se de sérias e profundas reflexões.

Para não generalizar apressadamente determinado conceito e evitar conclusões prematuras, no sentido de tomar um posicionamento próprio buscou-se primeiro identificar as maneiras de pensar de estudiosos de lazer, de reconhecimento internacional, acompanhando assim a evolução que ele tem sofrido ao longo de muitos anos, com a finalidade de analisar as diferentes posições atribuídas ao tema.

A bibliografia consultada para o presente estudo leva a crer que uma grande maioria de autores foi condicionada a admitir os conceitos de lazer como "tempo", "atividade" e, mais recentemente, como "atitude". Selecionaram-se estudiosos representativos de cada posicionamento citado, sem a intenção de omitir outros, mas, tão somente, para exemplificar e demonstrar que o lazer oferece realmente aspectos discutíveis e contraditórios que devem ser profundamente estudados.

As definições de lazer variam através dos tempos, nas diversas culturas, quando estudadas por sociólogos, psicólogos, educadores e biólogos. Uma concepção universalista do lazer, levando-se em consideração as diferenças ideológicas, políticas, culturais, econômicas e sociais, poderia ser desejável; porém, no momento em que a concepção tiver que tomar um sentido padronizado no contexto internacional, o lazer perderá características originais e próprias daquelas diferenças e deixará de manifestar a expressão autêntica de cada povo, de cada comunidade e de cada grupo social. Por outro lado, se for considerado o fato que lembra ZINSOU (REQUIXA, 1969, p.6) de serem

muitos os aspectos do problema do lazer válidos para qualquer país, pois o "homem e seus problemas humanos são por excelência universais", a concepção universalista do lazer poderia ser conseguida, uma vez que o sentido fosse voltado unicamente ao indivíduo e à satisfação de suas necessidades básicas.

Lazer - Tempo

A maioria dos autores apresenta o termo "lazer" relacionado ao fator "tempo". A Sociologia o define como o tempo ocupado em atividades que não revertem em benefícios econômicos, as quais são necessárias à vida por suas exigências biológicas, psicológicas e sociais.

Para NEUMEYER (1949), lazer é a folga das obrigações de subsistência. Segundo MEDEIROS (1971, p.131), "Lazer é espaço não comprometido de tempo do qual o homem pode dispor livremente fora das horas de trabalho e das obrigações da vida diária".

Para KRAUS (1971, p.253), o conceito de lazer sofreu uma evolução: 1. O conceito clássico aristotélico estudado por PIEPER (1963) e De GRAZIA (1962) nos Estados Unidos que o definem como "um estado de ser no qual a atividade é realizada para o seu próprio intento".

Este conceito, aliás, foi amplamente estudado no Brasil por MARINHO (1970); 2. O lazer para VEBLEN (1918) foi relacionado com aspectos sociológicos como um símbolo de classe social; "como uma forma de vida às classes privilegiadas"; 3. O conceito de DUMAZEDIER (1967) que define o lazer como "uma forma de atividade"; 4. O ponto de vista de NEUMEYER (1958) que conceituou o lazer como "a folga das obrigações de subsistência". KRAUS conclui fazendo entender que o lazer é "uma porção de tempo" individual que não é destinado ao trabalho, nem às responsabilidades relacionadas a ele, nem a outras atividades

de sobrevivência e que, portanto, pode ser considerado "tempo livre", desobrigado.

Segundo BRUNTON (1975, p.12), "é comum entre os modernos a queixa da ausência de lazer, mas na verdade o homem das cavernas descansava muito menos. Era obrigado a lutar pela simples subsistência, pela alimentação cotidiana e pela própria satisfação. Por isso, somente tornou-se possível para o homem voltar o seu pensamento para as coisas mais elevadas depois que ele superou essas necessidades básicas". Quando em toda a história conseguiu o homem os resultados surpreendentes de que dispõe hoje? Ele dispõe hoje de mais tempo para vencer a própria ignorância. Por essa razão, se no passado uns poucos puderam estudar a filosofia, a maior possibilidade de lazer que hoje se apresenta faz deste o momento propício para que mais numerosos estudantes, dispostos a empregar sabiamente o seu tempo livre, sejam atraídos para esse domínio nobre.

O lazer conceituado como tempo é resultado da organização social do trabalho e uma consequência da revolução tecnológica e do progresso científico. Quando o homem trabalhava 12 a 14 horas por dia, sete dias da semana, o problema do uso do tempo livre não existia. A crescente tendência de incluir férias remuneradas em contratos de trabalho aumentou consideravelmente as "horas de lazer" de grande número de trabalhadores. Segundo BUTLER (1973), a semana de 5 dias, vaticinada por líderes trabalhistas, para futuro não muito distante, afetará apreciavelmente os padrões do lazer. A conquista das oito horas de trabalho, oito horas de descanso e oito horas de lazer preconizada na Inglaterra, em meados do século passado, marcou o início da humanização do trabalho e transformou a Recreação e o lazer como um fato social.

Enfocado o lazer como "tempo", pode-se observar que muitas vezes as pessoas, encontrando-se com disponibilidade de tempo, deixam-se levar inconscientemente

pela rotina dominante, terminando por cair em estado de tédio e de ócio. Outras, no intuito de obterem uma maior aquisição econômica, buscam novas tarefas de trabalho e, no fim de algum tempo, encontrando-se estafadas física e mentalmente, terminam por reconhecer a necessidade de isolamento e de repouso. Isso na verdade parece ser o resultado de uma tendência atual do homem das grandes metrópoles, de procurar ambiciosamente novas fontes de aquisição material.

Talvez por se viver na era da velocidade, aquele empenho de alguns de voltar ao trabalho no tempo livre, seja somente um afã de manter-se ocupado; muitos entre esses, por razões psicológicas, ansiosamente procuram fugir de seus próprios problemas, depositando no trabalho a esperança de uma compensação para as frustrações pessoais. Pelo receio da auto-análise e da reflexão, o homem da sociedade de consumo perde pouco a pouco as oportunidades de crescimento interior, amadurecimento e sabedoria.

Por outro lado, como bem considerou FOURASTIE (1967), é legítima e natural a decisão humana de reduzir o trabalho e certamente esta tendência será contínua. O contrário demonstraria que o ser humano é limitado a suas faculdades econômicas e destituído de interesses sociais, aptidões afetivas, estéticas, intelectuais e espirituais. Mesmo assim, na sociedade atual, o sentido de materialidade tem crescido a ponto de se valorizar mais "ter" do que "ser". Na difícil competição social, estimuladas por uma propaganda programada, as pessoas passam a ambicionar mais coisas para gastar mais, talvez procurando na exterioridade a satisfação de uma necessidade de status mais elevado.

Os progressos da técnica e o domínio das ambições materiais estão cristalizando a sensibilidade humana e fazendo sumir o entusiasmo do homem de ir ao encontro de outros para compartilhar da vida, discutir e pensar sobre ela. Desaparecem pouco a pouco o amor à tarefa bem acabada e a alegria íntima

das pequenas coisas... Muito freqüentemente mede-se o sucesso de um ser humano pelo que ele representa em dinheiro, desprezando-se outros aspectos de maior amplitude e dignidade.

Pelo exposto, não se pode considerar o lazer um fator extrínseco ao homem e defini-lo pelas limitações do relógio. O tempo não se constitui no essencial; com maior razão no caso dos países em desenvolvimento, onde para uma grande maioria das pessoas, as necessidades de subsistência impõem a corrida a novas buscas de aquisição econômica. No entanto, se a pessoa não estiver consciente da importância do tempo em sua vida e se não estiver preparada para enfrentar a liberdade de optar no tempo livre, conseguida com o direito de gozar um fim de semana, um período de férias ou uma aposentadoria, as conseqüências nefastas serão tantas, como variadas são as decisões individuais. Isso vale dizer que, além de poder dispor de tempo, o homem deve saber de que maneira encontrará a satisfação sadia de suas necessidades básicas, de aventura, de expressão, de participação de grupo, de movimento e de desenvolvimento integral, dentro de suas limitações educacionais, físicas e econômicas, e do que isso dependerá.

Alcançando este estágio de consciência, o indivíduo testa suas habilidades pessoais e se propõe a fazer uso da aprendizagem com a intenção de realizar, de participar, de criar algo novo e útil para si e para a sociedade em que vive. Conscientizado da necessidade de equilibrar suas atividades de caráter compulsório, com aquelas nas quais espontaneamente pode encontrar sua renovação e rejuvenescimento, estará protegendo sua saúde integral, seu equilíbrio emocional; despertado o desejo de aprender, passa a experimentar novas formas de atividades criadoras e prazerosas adquirindo uma concepção de vida menos vegetativa.

O termo lazer não se encontra em Espanhol. Com o sentido de lazer, encontra-se a palavra "ócio". Tal fato poderá

ocasionar dificuldades de compreensão e comunicação entre outros idiomas, em especial, o Português que relaciona "ócio" com a falta de atividade, a inanição, o desinteresse passando a apresentar um sentido negativo. Talvez por esta ou por outras razões mais complexas, se evidencia, entre vários autores da atualidade, uma tendência para o emprego do termo "tempo livre".

Tempo livre, é oportunidade, oportunidade é liberdade, liberdade permite eleição, escolha. O valor do tempo livre vai depender do uso que lhe for atribuído.

Lazer - atividade

No segundo caso - lazer como atividade - a conceituação também varia. E essa diferença pode ser evidente se for considerado que uma "ocupação", conforme DUMAZEDIER, pode ser lazer para um e recreação para outro. Esse autor, no I Encontro Nacional sobre Lazer, no Rio de Janeiro, em 1975, deixou claro que não há diferença entre lazer e recreação e que ambos os termos constituem, em seu entender, a mesma coisa. Neste sentido corrobora KANDO (1975), ao citar DUMAZEDIER: "quando lazer denota atividade ele passa a ser sinônimo de recreação". Perseguindo esta idéia, CORBIN & TAIT (1973) esclarecem que há uma tendência a confundir o uso das palavras lazer e recreação. No passado, recreação foi popularmente associada a atividade física. Hoje, muitos ainda aderem àquele ponto de vista, mesmo reconhecendo que as atividades recreativas podem encerrar uma enorme variedade de ocupações que não exigem atividade física, tais como: leitura, arte, música, dramatização, entre outras.

Conforme REQUIXA (1969, p.8), no dizer de DUMAZEDIER "é revelado o conteúdo ativo do lazer, pois se trata explicitamente de um 'conjunto de ocupações', o que sugere uma configuração de atividades". Assim sendo, segundo DUMAZEDIER (1973), o lazer pode ser ao mesmo

tempo férias e trabalhos voluntários, nada fazer e esporte, prazeres gastronômicos e entretenimentos musicais, atividades de azar, leitura de jornal e estudo de uma obra-prima, conversa fútil e conversa cultural. São atividades que não visam à obtenção de um pagamento e colocam-se à margem das obrigações familiares, sociais, políticas e religiosas. São desinteressadas e realizadas livremente, a fim de proporcionar satisfação aos indivíduos que as praticam.

Para este estudo o lazer considerado atividade não satisfaz como um posicionamento definitivo e isolado. Quantas vezes se diz que um participante de alguma atividade espontânea está realizando "atividade de lazer", no entanto, reconhecido o grau de envolvimento e interesse com que o indivíduo se empenha, se pode concluir que por falta de motivação ou por imposição externa não ocorre a harmonia individual, o bem-estar e o prazer esperados que constituem características do lazer. Aliás, isso ocorre quando as atividades são planejadas à revelia das pessoas e com a não participação das mesmas na programação. Ademais, seria mais adequado deixar aos interessados o planejamento de suas atividades. Essas constituem o "meio" de conseguir o lazer. Lazer é direito individual que deve ser protegido, respeitado e é resultado de uma opção pessoal. Como a educação, o lazer é "fim", enquanto a atividade é o "meio", seja ela intelectual, artística, física, social, ao ar livre ou não.

Decididamente ninguém vai à escola com o interesse imediato na educação; do mesmo modo o indivíduo procura uma oportunidade de lazer com o interesse primeiro de ser ele mesmo, de se recrear, de aprender, de descobrir, de conviver e de praticar. O desenvolvimento integral, a cultura, a saúde e a educação são conseqüentes; são objetivos gerais perseguidos pela liderança profissional do lazer que se empenha na assistência e na orientação de programas.

A atividade em si é condição básica na educação e no lazer. Sem que o homem tenha sido motivado desde a

infância, sem ter aprendido várias ocupações para o tempo livre, provavelmente não encontra razões suficientes para vencer as dificuldades pessoais reservando tempo e buscando um desempenho; desanimado, entregar-se-á ao sono ou ao aborrecimento, vencido pela inibição, pela falta de habilidade, pelo constrangimento e, principalmente, pela inexistência de uma "atitude" renovadora. A atividade é a recreação. O lazer é o bem-estar conseqüente.

"O homem aspira à eternidade, entretanto, muitas vezes não sabe o que fazer em uma tarde de chuva".

Neste sentido, os preconceitos tradicionais que levam o homem a se sentir inútil e culpado quando não está ocupado com o trabalho, ainda não foram totalmente superados, razão pela qual, muitas vezes é subestimado o valor da recreação como meio de recuperação, desenvolvimento e de cultura nos países em desenvolvimento.

Lazer - atitude

Por fim, o lazer conceituado como "atitude" é uma questão de valores. Algumas autoridades sugerem que somente pode ser considerado lazer o uso construtivo do tempo livre. Esse uso construtivo seria o desejado socialmente; isso realmente envolveria problemas de sérias implicações filosóficas. Como pode ser determinado o que é bom, construtivo? O que o indivíduo considera como desejável para si mesmo? Muitas iniciativas individuais, de livre escolha, podem contrastar quanto a seus valores em diferentes culturas ou, na mesma Sociedade serem socialmente aceitas por uns e anti-sociais para outros. As decisões se tornam difíceis se, ao mesmo tempo, forem tomadas como critérios de julgamento social e individual. O que é legalmente ou moralmente aceito a respeito do uso do tempo livre? A solução varia entre culturas, entre regiões, entre filosofias de vida e de acordo com a orientação religiosa.

Para DUMAZEDIER (1973), em todos os campos de lazer, as atitudes ativas deveriam ser conservadas e analisadas sem dogmatismo. O conjunto dessas atitudes ativas contribuiria para formar, em cada grupo e em cada indivíduo, um estilo de vida. O estilo de vida poderia ser definido como o modo pessoal pelo qual cada indivíduo planeja a sua vida cotidiana. A individualidade tem mais oportunidade de afirmar-se nas atividades livres e cada vez menos no trabalho, como atualmente é concebido. Recorrendo a essas atividades o indivíduo terá oportunidade para encontrar e desenvolver o estilo de sua própria vida, mesmo com relação ao trabalho. A procura e a realização de um estilo de vida confere ao lazer seu mais alto significado.

Entretanto é sabido que, dependendo das condições pessoais, o trabalho pode ser tão prazeroso que se torne equivalente ao lazer. Neste sentido CLAPAREDE (*apud* MARINHO, 1956, p.4) afirma que "não existe entre o jogo e o trabalho uma fronteira absoluta". No alto da curva de interesse em que apresenta as manifestações motivacionais entre o jogo e o trabalho, a passagem de "jogo superior" e "trabalho superior" é uma passagem imperceptível e indefinida. NEUMEYER (1949, p.20) lembra o exemplo de Thomas Edson que teria declarado que nunca trabalhou em sua vida ... É de salientar que o trabalho quanto mais criativo tanto mais prazeroso, deixando de ser considerado antítese do lazer.

Assim sendo, o que é o lazer para um pode ser considerado trabalho para outro. E ainda, a mesma atividade pode significar trabalho e lazer para uma mesma pessoa em momentos diferentes; tudo dependerá da disposição, do interesse em que o indivíduo estiver envolvido.

NEULINGER (1974, p.18) apresenta um paradigma do lazer em três dimensões: na primeira, a liberdade compreendida, na segunda, a motivação e, na terceira, o fim. Nessas dimensões, segundo o autor, o comportamento

humano varia consoante às múltiplas razões pelas quais o indivíduo realiza uma atividade. Após discorrer sobre os aspectos psicológicos do lazer, NEULINGER (1974, p.31) declara que o termo lazer "é muito semelhante ao termo inteligência: todos fazem uso, mas dificilmente cada um pode concordar com o seu significado".

Conforme CORBIN & TAIT (1973), por muito tempo o lazer tem sido relacionado com o tempo. Lazer, para os autores, é uma atitude diante da vida; ele reflete o sistema de vida e a escala de valores na qual serão selecionadas as atividades e, conseqüentemente, estabelecido um padrão de vida. Como exemplo, se for perguntado a um americano o que ele faz, imediatamente ele relaciona a resposta à sua vocação, à sua profissão: "sou um engenheiro, um homem de vendas, um médico", etc. Se a mesma pergunta for feita a um europeu ele responderá: "sou um violinista, um colecionador, um jogador de tennis, um alpinista", etc. As respostas refletem diferentes sistemas de valores entre duas culturas.

A "atitude" é elemento básico indispensável ao lazer. Sobre isso TOYNBEE (1975) diz que existem algumas pessoas para quem mesmo uma pausa de sete dias na semana não apresenta problema algum. Estas são as felizardas para quem o lazer é uma oportunidade para o trabalho por um interesse de criar ou para satisfazer sua curiosidade e o desejo de realização. As mais felizes, consideradas pelo autor, são os artistas e escritores que realizam seu trabalho com suas próprias mentes e a maior parte delas com suas próprias mãos. Já os cientistas são considerados pelo autor menos afortunados pois necessitam da ajuda de laboratórios.

Nesse sentido, valeria acentuar a importância do lazer permitindo a multiplicidade de novos meios de produção, sejam eles artísticos, literários, científicos e culturais; assim sendo, um bom negócio seria a sociedade investir no homem

para uma melhor qualidade de vida. Este é um aspecto do lazer já reconhecido pelos países desenvolvidos; com todo o empenho eles têm estimulado atividades como turismo, o artesanato e outras. Ainda lembrando TOYNBEE, diz ele que o alimento cultural mais do que satisfatório é aquele na forma de música clássica, conferências informativas e debates sobre problemas atuais, nos quais os pontos de vista rivais são apresentados de maneira honesta e instrutiva.

Conforme TOYNBEE (1975), antes que o artesanato caia em desuso, o homem passará do domínio econômico, no qual ainda se fará trabalho em troca do salário, para o da recreação, no qual ele terá a liberdade para praticar o que chamou as artes úteis como amadores, "por amor". Mais adiante afirma que a pessoa viverá laboriosamente pela compulsão se for forçada pela pressão econômica, mas que também é possível viver laboriosamente por escolha, por amor ao ato criador.

O estudo de KANDO (1975) exemplifica o que se quer dizer. Segundo o autor o lazer pode ser definido de forma normativa como um ideal e este é seu posicionamento, enquanto que os conceitos descritivos para o autor são vulgares, de uso empírico e sem elevação ou sublimidade. Inclui no seu trabalho as teorias do lazer através dos tempos sob o enfoque religioso, filosófico, sociológico e político para então destacar a necessidade da Recreação para o homem no mundo atual e salienta o vigoroso impulso que ela tem recebido como concepção cultural essencialmente utilitária do lazer.

Considerada a importância das atividades, o fato de saber desempenhá-las e o problema educacional para o lazer como "atitude"; é fundamental que o homem conscientemente analise suas formas de agir. Ele necessita planejar, e reservar seu tempo livre; isto na verdade não é fácil admitir nos países em desenvolvimento. Ele necessita saber participar, desempenhar com desembaraço e satisfação e fazer todo o

empenho para vencer a rotina. Isso mais que nada é uma questão de atitude. Com uma atitude favorável ao auto-aperfeiçoamento pode-se voltar a aprender e, somente aprendendo, é que se consegue reconhecer e alterar as ambições pessoais à medida que a sociedade evolui.

Para que isso ocorra, importante é estar sempre informado e em formação. As potencialidades humanas para a reeducação são ilimitadas. O homem da sociedade atual recebe constantemente uma carga poderosa de mensagens através dos meios de comunicação, faz-se necessário estar preparado e revestido de uma "atitude crítica construtiva" e sadia para apreciar, selecionar, rejeitar ou aceitar as solicitações e os estímulos externos de maneira cuidadosa antes de serem apreendidos, antes de incorporá-los à personalidade; daí a importância dos meios de comunicação àqueles que não chegaram a este estágio como é o caso da criança e dos jovens especialmente.

Sobre isso, com muito acerto, observa TOFFLER (1972) que o homem deve assumir agora o controle consciente da própria evolução, modelando o futuro segundo as necessidades humanas.

O progresso humano solidificado por uma educação realmente integral assegura uma melhor qualidade de vida.

O critério essencial para o lazer, para efeito do presente estudo, é a condição de se compreender o sentido de liberdade. Toda a pessoa sente a diferença entre fazer alguma coisa porque deve e fazer porque quer. Isso significa estar consciente do que se faz. Realizar por escolha. Lazer para o indivíduo implica estar engajado de forma espontânea em atividade como um agente livre.

CONCLUSÃO

Voltando aos elementos "tempo", "atividade" e "atitude", discutidos como lazer, quer-se dizer que o indivíduo com

"tempo" e sem participação em "atividade" não alcança o lazer, assim também aquele que participa sem "atitude"; motivação, prazer e criatividade cai no aborrecimento e no ócio. Da mesma forma demonstrar uma "atitude" favorável, reservar o "tempo" e não saber o que fazer é o mesmo que se encontrar sem opção, inibido pela falta de escolha, de habilidade e de conhecimento.

Em resumo pode-se dizer que os elementos "tempo", "atividade" e "atitude" são interdependentes e relacionados para fins de lazer individual; nenhum em separado poderá preencher as condições necessárias ao que se pretende aqui chamar lazer. Como pode ser visto o lazer apresenta-se teórico e variável segundo suas origens e os fundamentos diante dos quais ele é enfocado. É passível de discussão e merece um consenso popular profundo na sociedade atual brasileira.

Para conceituar o lazer neste estudo, o autor abandona os conceitos que relacionam o lazer tão somente a um dos três elementos estudados por outros autores, para defini-lo como o bem-estar individual que condiciona uma oportunidade de auto-avaliação e aperfeiçoamento, desenvolvimento físico, mental e espiritual equilibrados. Naturalmente como toda aprendizagem e crescimento integral, o aperfeiçoamento requer do indivíduo fatores como: tempo, disponibilidade, conhecimentos, habilidades, predisposição mental, participação com interesse e prazer.

Considerando o que foi exposto, para efeito do presente trabalho, lazer é a harmonia individual entre a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo. É um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer.

RECREAÇÃO

Conforme MARINHO (1973, p.4), definir recreação é tão

difícil quanto conceituar educação. Tudo depende da posição que o autor adota dentro da psicologia, que, por sua vez, se subordina à determinada escola ou linha filosófica. Tal como ocorre na educação, a recreação exige amplo e profundo conhecimento dos fundamentos, para a perfeita adequação de suas técnicas. O binômio interesse-prazer, dependendo da posição filosófica e psicológica que cada qual adote, merece especial relevo do estudo e eleição das técnicas no desenvolvimento do programa recreativo. O autor complementa sua posição citando Toynbee: "Estudo História simplesmente porque tenho um forte impulso para despender meu tempo, energia e habilidade no estudo da História. Se me perguntasse por que faço isso, diria: 'Estudo História por prazer'. Pela maneira como encaro esse prazer, poder-se-ia dizer que estudo História porque esse é o caminho através do qual posso encontrar uma maneira de comungar com a Divindade espiritual máxima. Dessa forma, o prazer pode ser também o mais sério de todos os propósitos concebíveis."

Quando Deus infundiu o espírito no homem, pôs-lhe na inteligência e no coração a capacidade de criar - criar no plano da contingência é certo, mas de qualquer maneira, criar. O homem participa, nessa medida, do espírito criador que lhe deu uma alma imortal. O que distingue o homem dentre as criaturas que com ele compartilham a terra é, precisamente, esse espírito criador, do qual emanam as artes, as ciências e a filosofia. É o afeto do ato criador que leva o homem a revelar: "Deus é amor". Neste afeto o homem se comunica, se expressa, participa, descobre, escolhe e cresce em todas as dimensões. Desenvolve-se como um todo e identifica-se com sua singularidade; experimenta, renova suas tentativas, despreza o fracasso e aprende.

O homem precisa de aventura; a procura da felicidade, o amor à aventura e o desejo de realização constituem grandes forças motivadoras que, para muitas pessoas, são concretizadas mais completamente por intermédio da recreação. A sensação de realizar e de viver é obtida de

diversas formas: caminhando junto ao mar, jogando futebol, cavalgando, criando um objeto de arte, tocando ao piano uma difícil peça musical ou apreciando um pôr de sol. O significado destas experiências no esporte, na arte e na apreciação do belo é realçado pelo fato de que elas dão quase tanta satisfação à memória quanto a que proporcionam no momento em que são vividas. Exatamente por colocar estas experiências ao alcance de grande número de pessoas, o movimento da recreação foi denominado por WOODMARD (*apud* BUTLER, 1973, p.14) "a melhor tentativa de um programa prático para criar e manter viva uma filosofia de felicidade".

No dizer de COURTOIS (1959), a alegria é antes uma atitude de coragem. Na sociedade atual, mais do que nunca, ser alegre é vontade e representa um triunfo constante, uma atitude de vitória, uma mentalidade de princípio. Para manter alegria é necessário recomeçar muitas vezes e cultivá-la. Muitas são as razões para se esperar por ela. Segundo o autor, a rotina e a monotonia são as causas principais da tristeza e do aborrecimento.

A alegria renovada incessantemente é inventiva, é fértil em fantasia, irradia ambiente de invenção e de criatividade.

Abafado pela tendência de ser reduzido a um simples número, o ser humano, não raro destronado pela máquina que criou, busca a amizade, o amor, um sorriso amigo na esperança de ser alguém.

O precioso dom do encantamento parece ter ficado só com os poetas e com as almas místicas. Feliz de quem, em um mundo tecnizado e violento ainda não perdeu seu coração de criança, nem a capacidade de ser simples; feliz de quem consegue ser sensível à cor e ao perfume das flores; à cantiga dos pássaros que é quase ensurdecida pelo ruído dos motores.

Lazer sugere recreação e, nas palavras de BUTLER (1973, p.9), significa "qualquer forma de experiência ou atividade na

qual o indivíduo participa por escolha, devido ao prazer e a satisfação que obtém diretamente dela". O autor também estabelece uma diferenciação entre as atividades de lazer na infância e na fase adulta, usando conceitos de Joseph Lee que definiu as brincadeiras para crianças como criação ou conquista da vida, e as atividades de lazer para adultos como recreação ou renovação da vida. Na linguagem comum, entretanto, recreação tem significado mais amplo e não se restringe a nenhum grupo etário particular.

Conforme GOUVEA (1969), uma pessoa busca a atividade recreativa naturalmente, por um impulso de energia interna, por estímulos de ordem externa e pela satisfação de necessidades individuais e grupais. Assim a atividade recreativa, segundo o mesmo autor, é espontânea, prazerosa, tem um fim imediato, em si mesma, e envolve ativa participação.

Para o autor do presente trabalho, a "ativa participação" é a concentração na qual o indivíduo se engaja, vive e se entrega à atividade por meio de intenso interesse, mesmo que a ocupação tenha características passivas de ordem física, como a leitura, a audição musical e a própria meditação.

É importante frisar que a recreação deixa o homem em um total estado de disponibilidade, mas não de disponibilidade passiva. Será sempre necessário não confundí-la com a recuperação de energias pelo sono e com a ociosidade.

Conforme FROMM (1976, p.277) "constitui grande erro acreditar que seja reparadora a realização de alguma coisa sem concentração. Pelo contrário, qualquer atividade concentrada é revigorante, seja ela trabalho, jogo ou repouso (o repouso também é uma atividade); qualquer atividade sem concentração é cansativa".

A consideração de uma atividade como trabalho ou recreação deve ser determinada não só pela descrição externa e aparente da atividade, mas também pelo espírito interior com a qual ela é desenvolvida. A atitude determina se

a ocupação é realizada devido à compulsão do resultado ou devido ao livre prazer da atividade, segundo a necessidade psicológica do indivíduo.

A atividade recreativa a que se refere o presente estudo não é a atividade desorganizada e, às vezes, violenta que se exterioriza em muitos momentos depois de horas de imobilidade pessoal, mas a atividade natural que exterioriza as forças vitais do indivíduo em seu processo contínuo de desenvolvimento. Tal atividade, segundo CLAPAREDE (1933), é a reação que corresponde a uma necessidade que tem sua origem em um interesse suscitado no próprio indivíduo que atua, ou seja, é a manifestação de uma necessidade humana e que deve ser considerada como o primeiro agente de desenvolvimento. Somente a atividade espontânea é completa e perfeitamente educativa.

Segundo CORBIN (1970), recreação significa restaurar, vivificar, recriar, rejuvenescer, investir com vigor e recuperar-se física, mental e espiritualmente. Em geral, ela é procurada para prover o indivíduo de satisfações que cada vez menos são encontradas no trabalho. O simples fato de uma atividade ser voluntária e baseada numa escolha não assegura um valor recreacional. Muito freqüentemente, as atividades são repetitivas ao invés de serem criativas; superficiais ao invés de serem construtivas e formativas, debilitantes ao invés de serem restauradoras. Obviamente, tudo que é simulado como recreação não é realmente qualificado e autêntico. Recreação consiste em atividade formativa que concretiza, entre outros fatores, a aventura, a satisfação, a preferência, a expressão, a criatividade, a participação voluntária e a sociabilidade.

Para melhor esclarecer sobre a seriedade e a amplitude da recreação na vida humana em todas as idades, e não somente como um direito da criança através do jogo como é ainda concebido por muitos, FROEBEL (*apud* NASH, 1968, p.60) acompanha a idéia afirmando que "a recreação é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem; proporciona

alegria, liberdade, contentamento, repouso exterior e interior, paz com o mundo. Mantém abertas as fontes de tudo que é bom".

SCHILLER (*apud* NASH, 1968, p.61), preocupando-se com a educação estética do homem, sugeriu que "o homem somente se recreia quando, na plena significação da palavra, é um homem, e só é inteiramente um homem quando se recreia". Nesta mesma linha, SARTRE (*apud* NASH, 1968, p.61), ao refletir sobre a liberdade existencial, escreveu: "tão logo um homem se entende como livre, deseja usar sua liberdade ... então sua atividade é a recreação" .

Segundo MEDEIROS (1971, p.144), "a recreação é a necessidade básica do homem de encontrar satisfação íntima em atividades de lazer, sem visar a outro fim que não a alegria da própria execução".

Para FITZGERALD (*apud* SILVA, 1971), recreação é a expressão natural dos interesses e necessidades humanas, buscando satisfação durante o tempo livre.

A atividade é recreação, uma vez que a predisposição mental do executante se caracteriza pelo prazer, pela liberdade de execução e com um fim em vista na própria atividade. E, falando-se de atividade, ela deverá absorver e provocar um empenho de forma realmente ativa. Neste sentido, GOUVEA (1969) salienta que não pode haver indiferença no processo de uma atividade recreativa. Ao dizer-se que a pessoa está em ativa participação, se quer fazer referência ao esforço que ela emprega e ao propósito de realizar que a mantém interessada. Este empenho na execução da atividade nem sempre é consciente e bem definido, mas corresponde a uma necessidade íntima do ser humano.

Tendo em vista as considerações anteriores, para fins de presente estudo, concebe-se a recreação como uma experiência na qual o indivíduo participa por escolha, devido ao prazer e à satisfação pessoal que obtém diretamente dela.

Atividade recreativa é atividade que não seja conscientemente executada com o propósito de obter recompensa além da mesma, proporcionando ao homem um escape para as suas forças físicas, criadoras, e na qual ele participa por desejo íntimo e não por compulsão externa.

A recreação apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana. Assim, na idade infantil e na adolescência, a finalidade é essencialmente pedagógica. Na juventude, ela é formativa e leva o recreando a reafirmar os bons hábitos adquiridos na fase anterior, canaliza as tendências antisociais, favorece o equilíbrio emocional, alivia as tensões individuais apresentadas pela sobrecarga de problemas sociais, age como elemento integrador e unificador e amplia as oportunidades do desenvolvimento cultural. Na idade madura, a recreação deve ser compensadora: leva o indivíduo à prática correspondente a suas necessidades; oportuniza e revigora o sentimento de participação social; satisfaz à necessidade de ser necessitado; cria estímulos novos às atividades criadoras que conduzem o ser humano a novas conquistas no terreno da beleza, da arte e da cultura, além de favorecer a continuidade dos exercícios físicos de conservação para aqueles que encontraram na prática regular as motivações para a sua saúde e bem-estar geral.

Segundo MITCHELL & MASON, (1948, p.63) "muitas tentativas têm sido feitas para explicar o fato de que o jogo faz parte do comportamento humano. Acima de tudo, o jogo envolve momentos da vida de cada indivíduo e está intimamente ligado aos padrões de cultura que constituem o ambiente, pelo qual é orientado.

Algumas das teorias que foram antecipadas na explicação do jogo estão fora de moda e servem apenas de interesse histórico. Outras merecem atenção por terem contribuído à atual compreensão da natureza do jogo:

a) teoria do excesso de energia (Schiller & Spencer);

- b) teoria da recreação (Guts Muths & Lazarusl);
- c) teoria de exercício preparatório (Gross);
- d) teoria do atavismo (Stanley Hall);
- e) teoria catártica (Carr)".

Além destas, MARINHO (1956) defende a teoria da transfiguração que sem entrar em conflito com as demais, "traduziria a necessidade de satisfazer ontogeneticamente o que deveria ter lugar filogeneticamente; o instinto da transfiguração se exterioriza por impulsos que levariam o indivíduo a modificar a sua personalidade, revestindo-se ou identificando-se com outras figuras, quer no plano físico, quer no mental ou em ambos".

Para o autor deste estudo, na vida moderna, o jogo estaria relacionado à necessidade individual de comunicação. Diante do isolacionismo e do anonimato das massas, o homem moderno possui necessidades de auto-afirmar-se e fortalecer a sua individualidade por meio da participação, compartilhando com outros ou encontrando junto à natureza as oportunidades de reencontrar-se e reafirmar seus valores. Este, porém, é um ponto de vista que ainda merece estudos posteriores.

Para melhor esclarecer a finalidade dos programas recreacionais ficam relacionados os seguintes objetivos da recreação; preparar o cidadão para:

- a) viver em liberdade;
- b) manter saúde integral;
- c) educar para o tempo livre;
- d) formar personalidade e adaptação social;
- e) promover a liderança.

A Recreação como "atividade voluntária, prazerosa e criadora realizada com um fim imediato em si mesma" poderá auxiliar na qualidade de vida na comunidade:

a) se a família despertar para a importância da convivência de seus membros num clima de tolerância, empatia, cooperação, liberdade, desenvolvimento pessoal e amor.

b) se houver a conscientização da família, da escola, da empresa e dos órgãos governamentais para a importância da programação de atividades realizadas no trabalho e no tempo livre e da valorização das formas de convivência humana no sentido de um planejamento cooperativo na comunidade.

c) se um planejamento de um processo humanizador de lazer na comunidade for aberto, flexível, vivo e consistir no reflexo das necessidades humanas, dos interesses individuais de todas as idades, classes sociais, credos e raças, oportunizando trocas de experiências, crescimento e desenvolvimento de uma atitude mental de renovação do homem durante o trabalho e o tempo livre.

d) se os meios de comunicação, influenciando diretamente todos os grupos sociais, desde a família até aqueles em ambientes de trabalho, despertarem a consciência e a necessidade do indivíduo aprender e equilibrar satisfatoriamente as atividades de tempo livre com as de trabalho de maneira a assumir compromissos consigo mesmo, avaliando suas capacidades, e com a comunidade na promoção dos valores humanos e aproveitamento criativo dos recursos existentes.

e) se a liderança recreacional qualificada para a formação de uma cidadania prestante, com conhecimento e habilidades para a pesquisa, de forma preventiva, procurar elevar gradativamente o nível de aspiração dos grupos humanos estimulando o intercâmbio cultural, a educação informal e permanente e a saúde integral.

f) se o turismo interno, gerador de oportunidades culturais, preservar o sentido educacional, proporcionando a

divulgação de valores sociais tradicionais, enriquecimento pessoal, maior disposição e abertura para novas iniciativas que venham contribuir para uma melhor qualidade de vida na sociedade brasileira. (SEMINÁRIO DE LAZER E RECREAÇÃO [Conclusões de] P. Alegre, UFRGS, 9-13 de agosto de 1977).

O desenvolvimento da Recreação na comunidade importa numa visão global dos problemas sociais para os quais os órgãos públicos de administração superior e os setores particulares devem estar alertas, acompanhando as necessidades e interesses comunitários.

A colaboração do poder público com a iniciativa privada em proveito do cidadão requer a mobilização de esforços conjugados das universidades e de outras instituições de promoção cultural com aqueles órgãos e setores.

Um plano de ação supõe uma conjugação de esforços com vistas a uma racionalização executiva. Nesse sentido devem ser avaliados os recursos humanos e materiais existentes, as necessidades da comunidade e uma possível vinculação de projetos locais, regionais e nacionais que esperam da administração pública uma assistência efetiva para a solução do problema do homem e da sua qualidade de vida.

Entretanto, antes dos setores públicos e dos privados "se voltarem para fora" e estabelecerem um plano de ação geral, devem conscientizar primeiro sua própria equipe de pessoal e a população, envolvendo nesse processo, com especial destaque, a necessidade do "espírito de prestação de serviços".

Para tanto, as iniciativas de natureza interna e externa poderiam, entre outras, distinguir-se em:

1. Estabelecer objetivos a curto, médio e longo prazo, aproveitando todos os recursos humanos e materiais existentes, observada a política superior.

2. Buscar formas de interação e entrosamento com outros setores públicos, por meio de equipes interdisciplinares e comissões especiais e desenvolver esforços no sentido de melhorar a qualidade de vida das comunidades que estão sob sua jurisdição.

3. Incentivar e promover uma política interna de permanente renovação pessoal de seus funcionários, buscando informações atualizadas pela pesquisa e reavaliando periodicamente o desenvolvimento do trabalho, com vistas ao alcance dos objetivos propostos.

4. Estender extra-muros a sua orientação e provocar intercâmbios culturais, através de convênios, entre instituições de ensino e setores econômicos particulares, com o objetivo de despertar a importância dos investimentos na inteligência humana e a operacionalização da educação para o lazer.

5. Defender as áreas livres urbanas e proteger as reservas naturais da negociação imobiliária e estabelecer por leis, decretos e resoluções o direito do povo de obter espaços físicos, instalações e equipamentos e desenvolver a prática recreativa, sem que ocorra a exasperada comercialização da necessidade humana de lazer.

6. Estimular o espírito de vizinhança e o conseqüente planejamento cooperativo nas comunidades, oportunizando a criação dos Conselhos Comunitários.

7. Manter os Conselhos Comunitários permanentemente motivados e dinâmicos por meio:

- a) da delegação de competências;
- b) da liberdade de decisão e de ação;
- c) da assistência proveniente de um esquema de atualização;
- d) do planejamento, realização e avaliação de

programas.

Desta maneira se espera conseguir a conscientização e a confiança do homem para investir em si mesmo e na sua família.

8. Assegurar a satisfação das necessidades humanas, através da Recreação e do Lazer, incentivando a permanência da liderança recreativa especializada junto aos Conselhos Comunitários.

9. Estabelecer normas gerais que assegurem planejamentos regionais e municipais, preservando as características próprias de cada região e comunidade.

10. Aproveitar as motivações para a recreação e incentivar com todo empenho a promoção dos valores humanos, nas comunidades, com vistas a um melhor relacionamento na família, à educação permanente, elevando gradativamente o nível de aspirações dos grupos sociais.

Recreação e trabalho

O adulto também necessita brincar e esta afirmativa não constitui uma manifestação de ingenuidade, nem menospreza as funções do homem em sua contribuição à sociedade; pelo contrário, a recreação é necessária para trazer o equilíbrio à personalidade. Em sua melhor forma, ela exerce um efeito liberador e renovador e proporciona a segurança emocional. Naturalmente, há muitas variáveis que podem agir como causas de más interpretações, mas os resultados de estudos sobre a necessidade recreacional do homem, que têm dado ao lazer uma importância capital na sociedade atual, levam a duvidar da afirmação de que "trabalho" seja a esfera produtiva e "recreação" a esfera improdutiva. Conforme NASH (1968, p.58), "a relação entre trabalho e recreação é mutuamente dependente: o verdadeiro trabalho e a verdadeira recreação servem um ao outro de modo essencial, mas as tensões acumuladas pelo trabalho embrutecedor, desgaste sem

sentido de relação resultam apenas em ócio passado na contemplação da televisão ou na violência praticada direta ou indiretamente em atividades mal orientadas. Trabalho e recreação estão essencialmente interconectados: a genuína recreação constitui alimento criador para o trabalho genuíno e vice-versa".

Todo trabalhador trabalha por dinheiro e espera a hora livre para libertar-se do trabalho monótono, a fim de cultivar a arte de viver. Naturalmente os interesses comerciais não tardaram a explorar essa necessidade, pois viram nela possibilidades de lucro em larga escala. Em consequência o problema do lazer se torna cada vez mais complexo; correntes filosóficas são inovadas, interesses de toda ordem não demonstram outro objetivo senão o de tornar a recreação, que é um direito de todos, em fonte de negociações de lucro em benefício de alguns.

Uma publicidade acentuada, dedicada às numerosas organizações que não raras vezes exploram a necessidade de lazer, tem criado uma neurose pelo lazer e contribuído, em certo modo, para alterar a visão natural de alguns fenômenos sociais relacionados às atividades recreativas, chegando até a relegar a um último plano a noção de trabalho. RIESMAN (*apud* FELDHEIM, 1968, p.202), contudo, com muito acerto, opõe-se a este posicionamento, quando afirma que "o trabalho, qualquer que seja, com sua parte de insatisfação que contenha, permanece como centro de sentimento de dignidade e de realização pessoal no Ocidente e por isso constitui o próprio fundamento do lazer e da recreação. O lazer não está em oposição ao trabalho, mas é um elemento complementar do mesmo, essencial para o equilíbrio individual".

Em 1968, o psicólogo americano Donald M. Michael realizou um estudo sob o patrocínio do Centro Republicano para o Estudo das Instituições Democráticas e publicou um trabalho intitulado *Cibernação: Domínio Silencioso*.

(cibernação é o neologismo que engloba sistemas de computadores + automação). Neste trabalho o autor prevê que em menos de 20 anos estarão confiadas à cibernação todas ou quase todas as tarefas atualmente executadas por operários e burocratas. Todo profissional cujo trabalho não é criativo será facilmente substituído por equipamento eletrônico. Os únicos profissionais que estarão a salvo do domínio silencioso da cibernação, de acordo com Michael, serão os profissionais liberais, cujas atividades implicam em julgamento de atos humanos por seres humanos. A substituição maciça do homem pela máquina terá as mais graves conseqüências se a Sociedade for apanhada de surpresa. O desemprego redundaria num fator altamente estimulante da delinqüência juvenil, enquanto que alguns milhões de adultos capazes se veriam do dia para a noite frente ao ócio, desorientados e insatisfeitos. O maior problema a resolver seria descobrir o que fazer da vida, dia após dia, semana após semana, férias após férias.

A atitude correta, afirma Michael, seria a de preparar a Sociedade para coexistir com as máquinas, considerando as necessidades sociais e ocupacionais que se verificarão a curto prazo, planejando com a devida antecedência a educação social e intelectual da criança e dos jovens.

Se isso não for feito a tempo, adverte o psicólogo, tenderá a aumentar brutalmente o número de vítimas da insegurança e do ócio, as quais já são um produto da civilização moderna. E conclui categoricamente, o cidadão das nações altamente industrializadas não tem alternativa - ou aprende a coexistir ajustando-se às máquinas ou será implacavelmente eliminado.

Para FROMM (1976, p.128), o trabalho se torna cada vez mais rotineiro e irreflexivo à medida que os projetistas, os micromocionistas e os diretores científicos despojam o trabalhador de seu direito de pensar e de mover-se livremente. A vida está sendo negada; a necessidade de controle, a

capacidade criadora, a curiosidade e a independência de pensamento estão sendo eliminadas e o resultado inevitável é a fuga ou a luta por parte do trabalhador, a apatia ou a tendência destrutiva, a regressão psíquica.

O administrador por sua vez tendo que se envolver com a burocracia é um especialista na administração de coisas e de homens. A abstratificação, a relação impessoal dos burocratas com as pessoas é de alienação total. As pessoas passam a ser objetos que o administrador vê sem amor e sem ódio, de um modo totalmente impessoal.

Por outro lado, FROMM (1976) reconhece que sem a abstratificação e a quantificação seria inconcebível a produção: moderna em massa, e acrescenta: "em uma Sociedade em que as atividades econômicas se converteram na preocupação principal do homem, esse processo de quantificação e abstratificação transcendeu o campo da produção econômica e invadiu a atitude do homem para com as coisas, as pessoas e até para consigo mesmo".

No Brasil o Serviço Social do Comércio tem operacionalizado programas especiais, ocorrendo o mesmo, também em âmbito nacional, com o Serviço Social da Indústria. Estes programas, dedicando atenção especial ao bem-estar dos empregados, estendem os seus benefícios às suas famílias.

Empresas que se preocupam com o lazer de seus operários reconhecem no trabalho a força primordial da produção, considerando que o trabalho e seu rendimento é influenciado por muitos fatores de características humanas. Assim sendo, se o operário e o comerciário trazem consigo preocupações e problemas de ordem física ou afetiva relacionados à família, conseqüentemente a possível falta de concentração e prazer no trabalho ocasionarão prejuízos de natureza geral às organizações industriais e comerciais. No trabalho que exige concentração, destreza ou aquele que é

altamente rotineiro, a extensão de tempo que um operário pode executar a sua tarefa sem um erro, está diretamente proporcionada à intensidade de interesse no qual o indivíduo se empenha. Para diminuir os acidentes, eliminar produtos defeituosos, aumentar a produção e evitar desperdícios, algumas indústrias têm estabelecido interrupções periódicas durante a jornada de trabalho, como as pausas para refeições e descanso. As atividades assumidas pelos indivíduos durante estes intervalos contribuem diretamente para um novo desempenho no trabalho. Por exemplo, a participação em forma de compensação, em jogos de salão, ao ar livre ou em atividades criadoras, que exijam participação, aumentarão a capacidade de concentração e interesse, um relaxamento com declínio da tensão emocional e, conseqüentemente, reduzirão as falhas da mão-de-obra.

Isto talvez possa parecer uma simplificação do assunto, mas, estudos têm sido realizados com pesquisas fundamentadas em programas efetivos e os resultados têm demonstrado que, mesmo que o tempo de trabalho semanal seja reduzido em benefício do atendimento humano, a produção não sofre declínio; se não se mantém a mesma, a tendência é aumentar.

Os problemas relacionados a um programa de Recreação mal elaborado para a indústria e o comércio são múltiplos. Há a tendência de serem contratados especialistas para a organização daqueles programas. Muitos destes programadores, às vezes líderes improvisados nas próprias empresas, desconhecendo com profundidade a importância de sua função e a metodologia de trabalho, encontram-se despreparados para elaborar, organizar e coordenar um programa recreacional de alta qualidade, com atividades apropriadas às características do trabalho que é desenvolvido pela população de trabalhadores.

Os programas de Recreação oferecem uma variedade

de atividades diversas: esportes, teatro, bibliotecas, cursos, música, dança, etc. Centros de atividades em locais acessíveis aos trabalhadores e suas famílias dispõem de instalações, tais como: ginásio de esportes, pistas de atletismo, canchas ao ar livre, piscinas, restaurantes, dependências para atividades culturais, sociais e assistência médica e dentária, além de áreas suburbanas para camping com conforto mínimo para atender uma demanda de milhares de pessoas durante os meses de verão. O Centro Campestre do SESC, em Porto Alegre, presentemente acrescentou uma excelente área para natação com várias piscinas, onde um número aproximado de 5.000 pessoas podem usufruir simultaneamente dos benefícios deste esporte.

Assim sendo é possível se ter uma visão geral do que o Serviço Social da Indústria e o Serviço Social do Comércio pensam a respeito dos programas de Recreação e de sua integração com todos os demais programas de assistência ao trabalhador.

É de relevante importância que seja dada uma atenção especial, no dia de hoje, aos profissionais necessários para atuarem nestes programas e planejarem a crescente demanda no futuro. A base filosófica para estabelecer estes programas está fundamentada. O grande problema com que se defrontam os recreadores profissionais que lideram as atividades recreativas em programas diversos é a insuficiente cooperação e interação entre os especialistas que geralmente são selecionados para dirigir um planejamento e executar um programa específico, em razão de seu conhecimento especializado ou habilidades em atividade especial. A ênfase deve ser dada a uma melhor qualidade de vida para o trabalhador e não necessariamente ao fato de se produzir um melhor atleta, artista ou ator teatral, com caráter competitivo.

A preocupação primordial deve ser voltada à pessoa como um "todo", no entanto raramente ocorre ao especialista

estudar a pessoa nesse sentido, considerando suas necessidades básicas em geral.

Por exemplo, aquele que trabalha em um ginásio de esportes ou em uma cancha ao ar livre, vinte ou quarenta horas por semana, com raras exceções, se preocupa em saber acerca das necessidades econômicas e conhecer o grau de nutrição dos indivíduos com os quais trabalha. Este não é um exemplo isolado. Em um mesmo centro de lazer planejado e construído para os trabalhadores e suas famílias há biblioteca, salas para artesanato, para aulas e assistência médico-dentária, etc. Poderia se colocar dúvidas se qualquer desses especialistas, em cada área de trabalho, conhece ou se comunica com os demais profissionais para, em conjunto, discutirem as necessidades dos indivíduos aos quais devem servir. Esta situação de isolamento do especialista é evidente em muitas profissões.

É necessário haver especialistas e técnicos, mas em algum momento e em algum lugar é fundamental a presença do generalista de visão que possa coordenar as informações, os interesses, e conseguir uma visão do indivíduo como um "todo".

O recreador tem assumido o papel de um generalista em muitas posições como: assistente social, técnico, professor, conselheiro, orientador, etc.

A indústria está interessada em profissionais que saibam como organizar e dirigir programas diversos que atinjam grande número de trabalhadores e proporcionem uma vida de melhor qualidade e o bem estar digno daquele que participa do progresso do país.

A humanização do trabalho requer que o administrador do futuro venha a ser menos técnico, estudando a competência e as aspirações de cada indivíduo integrado ao grupo de trabalho. Dessa maneira aquele administrador não terá como objetivo principal de sua instituição ou empresa o aumento puro e simples do desenvolvimento tecnológico

mas, acima de tudo, a promoção humana e social.

O desenvolvimento tecnológico em quase todos os momentos sugere ao homem tarefas repetitivas e evita as condições favoráveis ao florescimento de originalidades na iniciativa individual e a criatividade na solução dos problemas.

O trabalhador que é valorizado por suas idéias e atuante é também estimulado à auto-realização e auto-avaliação tornando-se mais responsável e buscando novas formas de autopromoção. Esse parece ser o processo consciente que leva o ambiente de trabalho a transformar-se em promoção permanente de recursos humanos e favorecer as motivações para novas conquistas no campo do trabalho voluntário como uma forma de auto-realização pessoal.

Nesse sentido um novo espírito empresarial poderá oferecer novas oportunidades aos aposentados e um aproveitamento do idoso, levando em conta sua capacidade de independência e de auto-realização profissional. Nesta fase da vida humana a profissão passaria a ser a oportunidade de gratificação pessoal e não puramente um meio de vida.

Por outro lado, "o lazer do idoso" viria a contribuir para a produção, enquanto estaria satisfazendo as necessidades básicas da terceira idade, de participação, de afirmação e de realização.

A noção de cultura está cada vez mais unida às modificações da natureza do trabalho; este exige, para ser frutífero, cada vez mais do homem, levando tal exigência a uma elevação de nível cultural. Os acessos à cultura, além de trazerem uma gratificação pessoal, têm-se convertido em uma condição de continuação e estímulo ao progresso, transformando o lazer em responsabilidade humana e em um valor para o desenvolvimento harmônico das sociedades modernas.

Oportuno seria recordar as considerações de MEDEIROS (1971, p.152), em sua magnífica obra, O LAZER

NO PLANEJAMENTO URBANO, quando se refere às vantagens sociais da Recreação. Depois de salientar a importância do comportamento individual, em uma organização social como a do Brasil, diz que "a recreação representa para a sociedade não apenas fator de bem estar social, mas também ponderável força econômica, elementos que bem aproveitados resultam em: melhor integração no grupo; maior produtividade individual; melhor aproveitamento de dotes pessoais (o que auxilia o ajustamento do homem); redução de gastos em acidentes e transgressões da ordem; expansão da indústria e do comércio; diversificação de ocupações profissionais; fomento do turismo; estímulo à conservação dos recursos naturais; e prosperidade para a comunidade inteira".

O direito do trabalhador ao tempo livre é uma realidade nacional impossível de negar. Em âmbito nacional o problema está criado, apesar do descaso, em certas regiões, à sua importância. Para este problema também o estudante se deve voltar; dele também dependerá a solução adequada do lazer de amanhã. Só se podem alterar padrões culturais de um povo com a mudança de mentalidade de sua gente, e isso é um processo lento e laborioso...

Pode parecer estranho ao leitor a abordagem, mesmo rápida que o estudo faz ao "trabalho". Entretanto, alguma coisa ocorre no homem quando a necessidade de parar de trabalhar conduz à uma insatisfação e infelicidade, e, em muitos casos, à deterioração física e à doença.

Muitas pesquisas têm sido realizadas no sentido de tornar a vida do idoso mais satisfatória. O homem, de certa maneira, em especial na 3ª idade, mostra-se desejoso de empregar a sua experiência, a sua energia de alguma forma significativa; ele não pode suportar a apatia produzida pela inatividade, na qual a sociedade o coloca com a aposentadoria mudando o sentido de sua vida, sem prepará-lo suficientemente para saber gozar a liberdade do tempo livre.

Quando a produção e o consumo representam o centro do interesse social e econômico, o homem passa a ser subordinado a eles. Uma Sociedade sadia é aquela onde ninguém é usado para fins que não sejam o desenvolvimento dos próprios poderes humanos. Nessa sociedade, no dizer de FROMM (1976), o indivíduo é o centro e todas as atividades econômicas e políticas se subordinam ao objetivo do crescimento humano.

Não se quer com isso desvalorizar o trabalho, mas valorizar a "atividade", seja ela realizada como trabalho ou como recreação. Quer parecer que qualquer estudo no sentido humano que analise um setor com a exclusão de outros é desequilibrado e, por isso, errado; o homem é uma unidade, seu pensamento, seu sentimento e sua prática da vida são inseparavelmente unidos, por essa razão o trabalho e a recreação devem ser cuidadosamente estudados complementando um ao outro.

O homem não pode ser livre em pensamento, como afirma FROMM (1976), quando não é emocionalmente livre; não pode ser emocionalmente livre, quando dependente e sem liberdade em sua prática da vida, em suas relações econômicas e sociais.

O processo desequilibrado, num só sentido da vida, conduz a uma sociedade doentia; suas causas deveriam constituir lição convincente aos planejadores das diversas áreas do desenvolvimento, tanto no trabalho como no lazer.

A recreação proposta também ao trabalhador não deve ter como objetivo primeiro o aumento da produção individual; esse aumento será uma consequência natural, se o trabalhador se realizar como pessoa, se desenvolver e passar a se sentir melhor no ambiente de trabalho.

A recreação deve contribuir para que o trabalho se torne mais significativo. Ela deve integrar um processo que desperte no indivíduo a necessidade de progredir e aplicar as suas

energias em algo que tenha significação para ele. De outra forma, ela seria somente a panacéia para os problemas de relacionamento entre empregados e empregador ou, ainda, seria um pouco mais de "óleo na máquina humana" para facilitar o trabalho rotineiro enquanto estaria criando uma atmosfera de desconfiança entre os subordinados e o empregador.

O direito do trabalhador à recreação pressupõe que se coloque à disposição de todos, os meios que permitam a realização completa de cada um, dessa forma, o trabalho passa a ser a expressão significativa da energia humana.

O objetivo seria criar uma situação de trabalho, na qual o homem dedique a sua vida e as suas energias a algo que tenha significação para ele; na qual ele saiba o que está fazendo, tenha influência sobre o que esteja sendo feito e se sinta unido e não separado de seus semelhantes. Dessa forma a produção individual passa a ser racional, prazerosa e consciente e a vida para o trabalhador a mais preciosa oportunidade que lhe é oferecida.

BIBLIOGRAFIA

1. BRUNTON, Paul. O caminho secreto; uma técnica de autodescobrimento espiritual para o mundo moderno. São Paulo, Pensamento, 1972. 139p.
2. BUTLER, George D. Recreação. Rio de Janeiro, Lidador, 1973. 624p.
3. CLAPAREDE, Ed. A educação funcional. São Paulo. Ed. Nacional, 1933. 264p.
4. CORBIN, H. Dan Recreation Leadership. 3ed. New Jersey, Prentice Hall, 1970. 418p.

5. CORBIN, H. Dan & TAIT, William J. Education for leisure. New Jersey, Prentice Hall, 1973. 182p.
6. COURTOIS, G. Educar com êxito. Rio de Janeiro. Agir, 1959. 171p.
7. DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. Vers une civilization du loisir. Trad, Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo, Perspectiva, 1973. 333p.
8. FELDHEIM, Paul. Problemas actuales de la sociologia dei ocio. *In*: La civilization del ocio. Madrid, Guadarrama, 1968. 284p.
9. FOURASTIÉ, Jean. As 40.000 horas. Um perfil do futuro. Rio de Janeiro, Forense, 1967. 239p.
10. FROMM, Erich. Psicanálise da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. p.347.
11. GOUVÊA, Ruth. Recreação. 4ed. Rio de Janeiro, Agir, 1969. 325p.
12. KANDO, Thomas M. Leisure and popular culture in transition. Saint Louis, Mosby, 1975.308p.
13. KRAUS, Richard. Recreation and leisure in modern society. New York, Appleton- Century-Crofts, 1971. 493p.
14. MARINHO, Inezil Penna. Jogos; principais teorias. Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Educação Ffsica, 1956. 19p.
15. MARINHO, Inezil Penna. O hedonismo; a filosofia do prazer através do tempo e do espaço - de Platão e Aristóteles a Freud e Marcuse. S.I., s. ed., 1970. 59p. (Trabalho mimeografado).
16. MARINHO, Inezil Penna. Recreação e lazer. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Recreação, 1973. 6p. (Trabalho mimeografado).

17. MEDEIROS, Ethel Bauzer. O lazer no planejamento urbano. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971. 264p.
18. MITCHEL, Elmer D. & MASON, Bernard. S. The theory of play. New York, A.S. Barnes, 1948. 542p.
19. NASH, Paul. Autoridade e liberdade na educação; uma introdução à filosofia da educação. Trad. Jorge Moreira Nunes. Rio de Janeiro, Block, 1968. 365p.
20. NEULINGER, John. The psychofogy of leisure; research approaches to the study of leisure. Springfield, Charles C. Thomas, 1974. 216p.
21. NEUMEYER, Martin H. & NEUMEYER, Esther S. Leisure and recreation; a study of leisure and recreation in their sociological aspects. New York, A.S. Barnes, 1949. 411p.
22. REQUIXA, Renato. As dimensões do fazer. São Paulo, SEBES, SESC, 1969. 19p. (Trabalho mimeografado).
23. SEMINÁRIO DE LAZER E RECREAÇÃO [Conclusão do]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 9-13 de agosto/77.
24. SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. Caderno de lazer, nº. 1, São Paulo, 1977.
25. SILVA, N. Pithan E. Recreação. 2.ed. São Paulo, Cia. Brasil Editora, 1971. 168p.
26. TOFFLER, Alvin. O choque do futuro. Rio de Janeiro, Artenova, 1972. 407p.
27. TOYNBEE, Arnold J. O desafio do nosso tempo. Rio de Janeiro, Zahar, 1975, 231p.

PROJETO DE CARTA DO LAZER ELABORADO DURANTE O II CONGRESSO INTERNACIONAL - BRUXELAS - 1976 FUNDAÇÃO VAN CLÉ

Todas as atividades humanas devem contribuir para o livre desenvolvimento individual, bem como para o desenvolvimento harmonioso da sociedade, orientada para a criatividade.

Para evitar a dupla personalidade criada pela forte oposição entre o tempo do "homo faber" e o do "homo ludens", é indispensável que o trabalho, tanto quanto o lazer, permitam a expressão individual e facilitem a descoberta de um equilíbrio no seio da sociedade. Se três condições - direito ao trabalho, humanização do trabalho e garantia de nível satisfatório de vida - devem ser atendidas para conferir ao tempo do homem um mínimo de significação, elas não são suficientes, de per si, para assegurar a realização do indivíduo.

Artigos

1. Todo homem tem direito ao lazer. Como criador, autor e animador de relações sociais tem, sobretudo, direito às atividades de lazer de sua própria escolha, não importando sua idade, sexo, nível de educação ou condição social.

2. O tempo livre não é o tempo desocupado, e as atividades de lazer são precisamente caracterizadas pelo tempo durante o qual o homem é capaz de realizar-se, de acordo com suas aspirações pessoais e expressa sua identidade de maneira criativa.

3. O uso do tempo livre varia de acordo com os padrões sociais. Como objetivo comum devem existir, contudo, a salvaguarda e a promoção do desenvolvimento físico e mental, mantendo e estimulando o contato com a natureza e a cultura, intensificando a vida social e comunitária, encorajando o comprometimento, a participação voluntária,

o espírito esportivo, a apreciação do turismo como um componente da auto-realização e a compreensão entre os países.

4. A família, a escola e todos os educadores têm papel determinante a desempenhar quando da iniciação da criança numa atividade lúdica e ativa de lazer, na qual a freqüente contradição entre o ensino e a realidade necessita ser eliminada.

5. O tempo livre, em decorrência de doença, idade, desemprego, emprego ocasional, pode ser transformado em significativa atividade de lazer, desde que esteja garantida a seguridade social. Todo ser humano que seja compelido a uma situação de inatividade, total ou parcial, tem direito a exercer suas aptidões criadoras para participar da vida social. A sociedade deve organizar-se para possibilitar esta oportunidade aos indivíduos.

6. As autoridades devem garantir a realização de atividades de lazer, efetivamente baseadas nas possibilidades pessoais de escolha. Podem contribuir para isso através de legislação, orçamento, investimento, criação de equipamentos adequados, estímulo à animação e formação de pessoal. Devem evitar, ainda, a exploração das atividades de lazer que conduzam a falsas necessidades e formas de recreação incompatíveis com a liberdade criadora e a dignidade humana.

7. Mesmo sendo dever do Estado e de todos os organismos públicos garantir condições jurídicas e materiais para as atividades de lazer, não devem deter o monopólio da organização. Os grupos políticos, sociais, culturais e religiosos e, sobretudo, os cidadãos têm o direito de assumir sua responsabilidade específica dentro de uma democracia participativa.

8. Os meios de comunicação devem ser parte de todas as políticas de lazer e devem ser utilizados para concretizar

os princípios constantes desta carta.

(Atualmente o documento está sendo apreciado pela UNESCO).

Extraído da revista Cadernos de Lazer
(nº. 1) - SESC - São Paulo.

TEXTO III

O COMPORTAMENTO NO LAZER:

PROBLEMAS DE PESQUISA

1986

O meu agradecimento à minha filha Ana Elisa, pela colaboração no trabalho de tradução dos textos em inglês que deram apoio a este estudo.

1. INTRODUÇÃO

O comportamento no lazer possui diversos antecedentes. Alguns destes antecedentes possuem bases comportamentais e psicológicas. Outros tem determinantes sociológicas e culturais. Em muitos casos, estes antecedentes são encontrados integrados em bases sociológicas e psicológicas com aspectos psicossociais. Para se conhecer os efeitos do lazer nos diferentes fenômenos humanos é necessária a utilização de métodos de pesquisa. Entretanto, o comportamento no lazer é diverso e complexo, exigindo que se verifique muitos aspectos assim como o estabelecimento de um referencial teórico. Pode haver um enfoque psicológico do comportamento no lazer, outro enfoque sociológico, um antropológico e ainda um enfoque psicossocial. Portanto, diferentes fenômenos podem relacionar-se com estas áreas de interesse e conceder às mesmas uma investigação empírica. A categoria dos fenômenos relatados pode levar a aproximações sistemáticas e únicas ao estudo do comportamento no lazer.

Alguns estudiosos das ciências sociais tem concluído que existe uma falta de fundamentação teórica na pesquisa sobre o lazer, no esquema conceitual; listam críticas a respeito da pesquisa em recreação dizendo que não tem havido o desenvolvimento de uma orientação teórica para conduzir a pesquisa em recreação. Estabelecer um referencial teórico e esquemas conceituais levam à investigação sistemática, chegando-se a explicações gerais sobre o comportamento no lazer. Muito poucos profissionais do lazer e da recreação tem compreendido que teorias, descrevendo e explicando regularidades em fenômenos cientificamente observados, são tão necessários as suas ações como os métodos e os auxílios técnicos na prática do lazer. Boas teorias podem ajudar o pesquisador, o estudante e o profissional do lazer fornecendo uma base para apoio e organização do conhecimento nesta área. Sem um enfoque definido, sem um objetivo claro, a pesquisa do comportamento no lazer será em vão.

Existe uma necessidade de desenvolver uma base de

referência nos aspectos psicológicos do lazer. Neste aspecto se pode citar o trabalho desenvolvido por Neulinger (1974).

Também existe uma necessidade de estabelecer uma base de referências para os fatores sociológicos do lazer como fizeram Neumayers (1958), Dumazedier (1973), Parker (1978), Kaplan (1975) e outros.

O lazer como um fenômeno cultural é outro enfoque de interesse como aquele desenvolvido por Pieper (1963) e por Kando (1975).

Além disso é necessário construir um esboço sobre o fenômeno psicossocial do lazer, integrando conhecimentos disponíveis sobre tópicos relevantes. Neste enfoque pode ser citado o trabalho de Munné (1984).

Como a ocupação do tempo livre e comportamento no lazer é uma questão de atitude, de valores, de habilidade e de prazer, a recreação é o processo espontâneo, multidisciplinar que proporciona uma participação consciente, democrática, solidária e emancipadora.

Neste processo educativo o papel de recreador como educador, não objetiva o treinamento para rivalidades, mas estabelece um ambiente pensado e crítico onde todos, educador e educandos, buscam juntos "o que", "porque" e "como" aprender, considerando o indivíduo como um "todo" inserido em sua cultura original. Desta forma o conhecimento se revela na seleção de valores que devem ser legitimados em uma sociedade em transformação.

Nesta situação o profissional do lazer é o intelectual político que, através da investigação, obtém a capacidade de identificar problemas sociais e humanos da infância, da juventude, da fase adulta e da 3ª idade; serve ao interesse emancipador dos indivíduos, busca elevar o nível de aspiração afetiva, cultural e intelectual, considerando a liberdade de criar de tanta importância quanto a liberdade de trabalhar.

O processo de busca do conhecimento do comportamento no lazer, sob vários, enfoques poderia guiar o esforço da pesquisa, aperfeiçoar e enriquecer a sua qualidade e permitir a atuação de profissionais com descobertas relevantes e estimuladoras. Portanto o lazer e a recreação podem constituir e adquirir um corpo único de conhecimentos, no que se refere a área de interesse e enfoque, na solução de problemas de pesquisa.

2. SUGESTÕES PARA UM REFERENCIAL TEÓRICO

Para DORIN (1978, p. 231) "psicologia social é o ramo do conhecimento que estuda a influência da conduta de um indivíduo sobre o comportamento de outro e vice-versa. É o estudo do comportamento individual em relação ao meio social". Esta definição poderia ser vista como uma integração de três ciências estudando o indivíduo e seu comportamento social (a fig. 1 ilustra esta integração). A conceituação de DORIN (1978) poderia ajudar a esquematizar um referencial teórico do comportamento no lazer (vide fig. 2).

A integração de diferentes ciências e métodos é necessária como uma fundamentação para estudo do comportamento no lazer. Isto demanda uma aproximação interdisciplinar como é enfatizado por SAPORA (1975) no seu artigo "Conceitos modernos sobre lazer". Diz este autor que a área do lazer deve amparar-se no método científico, na intuição e nas habilidades artísticas de muitos tipos de indivíduos de distintas disciplinas. Para SAPORA (1975) esta área forma "as ciências" do lazer. A palavra ciência está no plural porque muitas disciplinas devem contribuir tanto para a pesquisa básica*, como para os conhecimentos interdisciplinares e habilidades .

*Pesquisa básica é aquela na qual a orientação de seu objetivo se dirige a metas como construção de uma teoria, contribuindo para a existência de um corpo de conhecimentos mais do que a solução para um problema imediato.

O fenômeno do lazer está presente em múltiplas áreas. Isto se dá devido a natureza do lazer. Portanto o uso de diferentes ciências e métodos é indispensável e de vital importância para a busca do conhecimento e de teorias.

Sete enfoques de interesse psicossocial podem integrar um esquema para estudo (Fig. 2).

a) O Lazer e o Processo de Socialização

A socialização é um processo através do qual o indivíduo obtém qualidades de um ser social. Conseqüentemente, o indivíduo estará apto para desempenhar um papel aceitável na sua vida social e irá interagir com a sociedade de acordo com padrões culturais e códigos de comportamento. Como resultado deste processo a pessoa adquire características de sua personalidade, atitudes, valores e objetivos em relação à diferentes aspectos. As opções individuais e o futuro comportamento no lazer deve basear-se nas primeiras etapas de seu desenvolvimento. Muitas questões não respondidas, relativas a isto, podem ser levantadas: Será que as experiências recreacionais, durante as primeiras fases da vida, estão relacionadas com o comportamento dos adultos nas atividades e nas escolhas para o lazer? Quais serão os efeitos da participação da família, dos professores, de companheiros nas futuras opções de lazer dos indivíduos? Serão as opções de lazer e as atitudes uma função do processo de socialização ocorrido na família?

Muitas questões empíricas podem ser listadas numa tentativa de determinar variáveis relevantes no que diz respeito ao comportamento no lazer e à Socialização. Entre estas variáveis se poderia incluir, educação, classe social, ocupação, equipamentos de lazer, práticas recreativas anteriores da criança e experiência em família.

O processo de socialização estabelece alguns fundamentos da personalidade e preferências futuras. Sobre isto desenvolveu-se já algumas idéias sobre as atividades

de grupo na recreação e a formação de clubes na escola, visando despertar uma consciência para a importância da educação para o tempo livre. GAELZER (1985). O potencial de socialização e seus efeitos como contribuições para o estudo do comportamento no lazer são ainda pouco conhecidos.

b) Atitudes e Valores do Comportamento no Lazer

O estudo científico da atitude e de suas modificações poderia ser considerado a maior área do corpo de conhecimentos da psicologia social. Este fenômeno tem sido muito investigado e muita atenção lhe tem sido dispensada. Têm surgido teorias para prognosticar a formação e as mudanças de atitudes.

Segundo KRECH *et alii*, (1972), a atitude é uma forma de disposição à resposta; é sempre individualizada. Significa a aceitação ou a negação do objeto ou conceito de valor a que a disposição está vinculada. Pode ser favorável ou desfavorável e leva o indivíduo a aproximar-se ou afastar-se, a afirmar ou negar. As respostas sociais de um indivíduo refletem suas atitudes, seus sistemas duradouros de valorização positiva ou negativa, seus sentimentos e suas tendências pró ou contra o respeito de determinados fenômenos sociais.

No estudo realizado sobre o tempo livre de estudantes universitários, (GAELZER, 1979), se pôde concluir que, apesar de possuir informações gerais sobre a lazer, o estudante não atribui valor relativo ao mesmo; os graus de atitudes, de interesses e de habilidades estão intimamente correlacionados e condicionam a participação no lazer; as atitudes, as preferências, as habilidades são variáveis correlacionadas que devem ser tratadas sob o princípio básico de que o comportamento individual é determinado por muitos fatores perceptivos, intelectuais, motivacionais e sociais que atuam simultaneamente; a participação em atividades recreacionais diversas, favorece a atitude para o tempo livre;

o indivíduo que possui uma variedade maior de interesse recreacionais possui também uma participação mais intensa.

As atitudes no lazer dependem de muitos valores básicos e de muitos aspectos externos ao próprio indivíduo. Obter um conjunto de fatos sobre aqueles valores e aspectos externos ao indivíduo poderiam ajudar muitos profissionais do lazer e a oferecer melhores serviços. NEUMEYERS (1958) declaram que atitudes e hábitos são fatores importantes nas opções de lazer e na continuidade do interesse por estas opções. NEULINGER (1974) tem realizado algumas investigações a respeito de fenômenos relacionados com a atitude no lazer.

A mudança de atitude é um estudo que requer algumas pesquisas de campo; este estudo poderia apoiar o processo de educação, para o tempo livre. O aconselhamento para o lazer, como uma técnica de educação para o tempo livre, depende do desenvolvimento e do aprofundamento de uma consciência de recursos pessoais e ambientais. O conhecimento sobre a mudança de atitude poderia contribuir muito para o aconselhamento na educação sobre o lazer. Se falando em aconselhamento para o lazer sabe-se que este trabalho inexistente como atividade institucionalizada em centros comunitários, escolas, igrejas, parques e praças de recreação pública, nos países em desenvolvimento. Na medida em que profissionais da área social, professores e recreadores, buscarem no estudo do tempo livre, o atendimento de seus interesses de trabalho, voltados por exemplo, à prevenção da delinquência, será aumentado o número de pesquisadores na área e, possivelmente, o aconselhamento para o lazer venha constituir-se uma prestação de serviços necessária nas comunidades.

Muitas questões não respondidas sobre a atitude no lazer devem ser pesquisadas. Por exemplo: qual é a relação entre as atitudes no lazer e a satisfação pelo lazer? Qual é o efeito das atitudes dos pais e de seus valores nas opções de seus

filhos e na participação destes em atividades recreacionais? Será a atitude no lazer uma função do conhecimento e da habilidade para o lazer? Qual a relação entre o sexo e a atitude para o lazer? Será que a atitude para o lazer se dá em função da educação, da idade, da religião, da ocupação no trabalho, do tamanho da família? Qual é a relação entre o lazer das pessoas ainda não aposentadas e das suas atitudes em relação ao trabalho e a atitude para o lazer das pessoas que já se aposentaram inclusive o seu ajustamento e saúde mental? Qual a relação entre o desemprego e as atitudes para o lazer?

Estes problemas de pesquisa poderiam ser divididos em partes a fim de serem analisados. Isto é reduzi-los a elementos, variáveis mais específicas e menos gerais.

c) O Comportamento no Lazer e a Personalidade

O lazer e a personalidade se constituem na mais abrangente área da psicologia social do lazer. A pessoa como um ser humano é o principal foco a ser estudado e compreendido em relação ao lazer. O processo de socialização é a maneira através da qual a personalidade é fundamentada, formada e desenvolvida. Valores e atitudes são aspectos que influenciam na formação de uma personalidade. Será o resultado deste processo que transformará a criança em um ser social? NEUMEYERS (1958) declaram que atitudes, desejos, interesses e hábitos são aspectos essenciais da personalidade e se desenvolvem no bojo da interação social. Se a pessoa e o desenvolvimento da sua personalidade são o interesse central deste estudo, profissionais do lazer e outros cientistas das áreas humanas devem ser capazes de entender com bases científicas, os tipos de influências que o lazer proporciona no desenvolvimento e crescimento do homem. BRIGHBILL (1963) declara sobre este assunto que o lazer será difícil de avaliar como modelador de personalidade, mas a sua influência deve ser considerada. Profissionais do lazer devem

possuir teorias a fim de interpretarem e explicarem este fenômeno, assim como o seu impacto no comportamento humano.

Existem extensivas investigações sobre os efeitos dos jogos durante a infância. Por exemplo, o efeito do jogo no desenvolvimento cognitivo, estudo realizado por Piaget, o jogo como um comportamento assimilado, oportunidades durante o jogo para explorar, se aventurar, manipular, criar, descobrir, procurar situações e experiências novas, são estudos relacionados à infância. Entretanto, o efeito do lazer em outros estágios humanos tem sido negligenciado. KRAUS (1971) demonstrou os valores do lazer e da recreação. Estes valores contribuem para o bem-estar psicológico, emocional, social, intelectual e espiritual do indivíduo. Estes aspectos formam uma boa base de referências para orientar uma pesquisa sobre o desenvolvimento da personalidade e o comportamento no lazer. Muitas investigações serão ainda necessárias para sustentar e provar os valores do lazer e da recreação relacionadas à personalidade.

Em muitos aspectos deste enfoque da pesquisa no lazer possuem perguntas sem respostas aguardando investigações que as expliquem.

Por exemplo, qual a relação entre a motivação para o sucesso e o comportamento no lazer? Existe alguma relação entre ser mais ou menos motivado tanto intrinsecamente como extrinsecamente, e escolha de certas atividades de lazer como esportes e práticas ao ar livre? Quais são as relações entre a orientação de atividades e o comportamento no lazer? Existe alguma relação entre a competitividade e a opção no lazer? Serão as escolhas de lazer uma função do controle de dimensões internas e externas? NEULINGER (1974) explora alguns destes esforços psicossociais como a motivação para o sucesso, os focos de estímulos, a atualização pessoal, o auto-conceito, a auto-estima, a percepção e as expectativas.

Para BRIGHBILL (1964) é inegável que o jogo e o próprio lazer possuem um imensurável impacto sobre o desenvolvimento da personalidade. Investigações sistemáticas poderiam levar a resultados interessantes. Parece não faltar evidências sobre a influência do lazer na personalidade do indivíduo.

d) Dinâmica de Grupo e o Comportamento no Lazer

Por que o conhecimento da dinâmica de grupo é particularmente importante para os profissionais que trabalham com recreação? Deve ser extremamente importante no aprimoramento de uma relação a necessidade social de participação em grupo, no sentimento de compreensão do comportamento do outro, no auxílio as pessoas para relacionarem-se mais afetivamente em variados tipos de relacionamento grupal. Ao invés disso, o que ocorre é que não se sabe muito sobre o que está acontecendo com estes grupos na recreação e o que os está influenciando. Pouca coisa é investigada e escrita considerando a dinâmica do lazer e os grupos recreacionais, assim como de facilitar o processo de grupo para capacitar os participantes a satisfazerem as suas necessidades de lazer.

O indivíduo pode gostar de muitas atividades para conseguir o estado de satisfação no lazer como por exemplo, pescar, ouvir música, pintar, ler e outras mais. Pode também gostar de outras atividades que dependem de outras pessoas para a sua realização como os esportes, os eventos sociais e culturais. KAPLAN (1975) afirma que muito do tempo disponível ao lazer é dispendido com outras pessoas, seja informalmente ou formalmente em um clube, em um time, num grupo ou em um empreendimento artístico. Em situação de grupo o indivíduo se defronta com necessidades, expectativas, aspirações, interesses, desejos e motivos das pessoas que o integram. É interessante de se observar que em uma situação de grupo o prazer compartilhado aumenta,

se amplia e a dor, a tristeza parecem diminuir.

A importância do processo grupal é reconhecida por muitas autoridades. KRAUS (1964) enfatiza que a consciência do processo de grupo é extremamente importante. Isto se dá devido a grande influência que o grupo pode ter sobre o comportamento social individual. NEUMEYERS (1958) acentuam a importância do "clima" da "atmosfera" do grupo. Dizem os autores que os grupos recreacionais são usualmente espontâneos, permitindo liberdade de ação e um contentamento não encontrado na maioria de outros grupos; alguns dos momentos mais felizes das pessoas são experimentados em tais grupos. O estudo da dinâmica de grupo poderia ajudar muito a compreender as forças básicas que determinam o comportamento grupal no que se refere ao lazer e a recreação.

A aplicação de processos básicos da dinâmica de grupo, como da comunicação, da harmonia e da coesão, pode auxiliar na investigação de muitos fenômenos grupais no lazer. O estudo de SPOTT (1960) sobre os grupos humanos é uma das obras mais ricas de referências que se poderá encontrar sobre a dinâmica de grupo. O sociograma de MORENO também pode auxiliar os estudiosos deste assunto quando se preocuparem com a interação grupal, SPOTT (1960).

Os indivíduos se reúnem em grupos para satisfazer necessidades. Algumas razões levam a formação de grupos. Problemas de pesquisa podem sugerir questões como as que seguem: Quais são os componentes de diferentes atividades que atraem as pessoas para que participem delas? Será a atividade ou a companhia de algumas pessoas que atraem uma participação individual em certas práticas no lazer? Quais são as diferenças entre as atividades que contribuem para uma participação grupal? Qual é o efeito das categorias de atividades, desenvolvidas como lazer, sobre as relações interpessoais na família? Quais as atividades que

mais contribuem para a comunicação grupal e familiar? Quais as que facilitam a coesão do grupo? Existe alguma diferença entre as atividades de massa e as atividades de grupos pequenos em termos de contribuição para o ajustamento grupal e familiar, para a saúde e a satisfação? Existe alguma relação entre a satisfação nas atividades recreativas e a solidariedade entre os membros de um grupo? Quais as atividades, desenvolvidas no lazer, que reduzem a agressividade?

Para DUMAZEDIER (1973) a procura por um estado de satisfação é a condição primeira do lazer. Diz o autor que quando este estado termina ou se deteriora o indivíduo tende a interromper a atividade correspondente. A noção de satisfação é altamente relevante no que diz respeito ao comportamento no lazer em grupo assim como nas opções. Isto provém da origem do lazer como um estado no qual o indivíduo se engaja em uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer. Para o aprofundamento do estudo sobre a satisfação se poderia recomendar a obra de LOWEN (1984).

e) O Comportamento no Lazer e a Interação Grupal

A interação é um processo inevitável que ocorre diariamente em níveis sociais e grupais, no qual os indivíduos se envolvem em praticamente todas as situações. As pessoas raramente pensam nas implicações da interação e usualmente ela é deixada de lado e tratada como tendo pouca ou nenhuma significação.

Muitas atividades no lazer implicam participação grupal e interação. A natureza destas atividades facilita a integração. Reconhecer os componentes da interação nas ocupações do lazer é vital para que se possa compreender algumas das relações e efeitos do lazer sobre os indivíduos, grupos e sociedades. Qual é o efeito da interação de grupo no grau de participação em diferentes atividades recreativas? Muito da experiência individual é influenciada por relações sociais envolvendo interação. Características pessoais, interesses

e aspirações são de alguma forma afetados por ela. Não é de estranhar que a interação social ocupe parte da preocupação profissional dos estudiosos do lazer. Quando os indivíduos interagem, eles trocam mensagens, desenvolvem relações e aprendem uns com os outros. Sendo assim eles influenciam, um na opinião do outro, nas atitudes e nos valores sobre a vida. Este processo afeta toda a estrutura da personalidade, assim como o seu desenvolvimento como um resultado da interação ocorre o processo básico da dinâmica de grupo, comunicação, conformidade e coesão. Conseqüentemente as mudanças sociais e os novos padrões culturais de comportamento emergem e se desenvolvem. A interação grupal e social são aspectos dinâmicos que se relacionam com praticamente todos os fenômenos. Muitos destes aspectos são relevantes no que diz respeito ao comportamento no lazer e todo o seu cenário. Eles acontecem enquanto os indivíduos estão envolvidos com a busca da sua atividade no tempo livre.

O corpo de conhecimentos sobre o lazer e a recreação revela que se tem escrito pouco a respeito da interação grupal e social nos espaços de lazer. Existe falta de pesquisas neste país que comprovem resultados sobre efeitos e as relações entre a interação de grupo e o lazer. Para MILLER e ROBINSON (1963) a metodologia da recreação deveria ser apoiada pela contribuição da psicologia social, incluindo conceitos como, a necessidade de participação em grupo, a natureza e o crescimento dos grupos, os padrões e a dinâmica da interação grupal, a participação das pessoas, assim como os papéis do recreador como estimulador desse processo.

O lazer possui um grande potencial para a aplicação de métodos de pesquisa a serem criados para determinadas realidades culturais. Com a busca de novos métodos, que superem as limitações da pesquisa tradicional, se poderia compreender o comportamento social do indivíduo nos espaços de lazer.

Há necessidade de respostas para muitas questões relevantes: quando e por que os indivíduos procuram uma interação social no lazer? Quando eles a evitam? Será que as pessoas que são privadas de interação enquanto trabalham a procuram mais no lazer? Existe alguma relação entre graus de interação no lazer e satisfação e ajustamento?

Existem relações entre educação, sexo, situação civil, ocupação no trabalho e o grau de interação no lazer?

f) o Comportamento no Lazer e as Mudanças Sociais

A mudança social é um processo contínuo. O que está acontecendo hoje possui suas causas no passado. A História é cumulativa. Os fatos não acontecem simplesmente num vácuo histórico; eles se passam dentro de um contexto. Os efeitos de qualquer acontecimento social tendem a ramificar-se, pela interação, com efeitos de outros fatos e cumprir a sua parte, modelando toda uma ordem de mudanças subseqüentes, sem ser a única causa daquele acontecimento.

A mudança social é um processo dinâmico. Os fatores que a compõe interagem como acontece em substâncias químicas e produzem uma composição diferente e nova ou como no caso que se busca ilustrar, uma nova sociedade. Isto determina que a mudança social seja um processo e não uma série de acontecimentos estanques. Existem muitas forças que contribuem para a mudança social como, a automação, a inovação em determinadas áreas, a industrialização, a mobilidade social, a educação, o desenvolvimento econômico e a urbanização.

No século passado e mesmo no início deste, as pessoas viviam com uma noção de trabalho e de lazer diferente da atual. Segundo KILPAT R ICK (1960) este século trouxe mais mudanças sociais do que todas as ocorridas ao longo da história da humanidade. Os estilos de vida e de lazer tem mudado como decorrência da contmua mudança social. TOFFLER (1972) ilustra o impacto de rápida mudança social

sobre o indivíduo. Muitas das idéias de TOFFLER poderiam ajudar na investigação das mudanças sociais no comportamento no lazer.

As mudanças sociais afetam o comportamento no lazer, no sentido de que a inovação e a automação aumentam o tempo livre e criam recursos e facilidades que acrescentam qualidade à vida no lazer. O desenvolvimento do lazer será sempre um resultado das mudanças sociais. Da mesma forma o lazer afeta as mudanças sociais no sentido de que as qualidades características do lazer e o processo do lazer se tornam forças dinâmicas que modelam a sociedade. A verdadeira influência da mudança social no comportamento de lazer não é completamente conhecida. Por exemplo, qual é a relação entre a rápida mudança social e o comportamento do homem no lazer, das suas atitudes com relação ao lazer, do ajustamento e realização através do lazer?

Sobre isto os NEUMEYERS (1958) também questionam: Como o lazer afeta a estrutura e o funcionamento da sociedade moderna? De que forma ele atinge a atitude e os valores individuais? O que fazem as pessoas durante o seu tempo livre aumentado seja pela redução da jornada de trabalho, seja pelo desemprego ou aposentadoria?

O lazer é um fato social e a sua significação e influência na personalidade e nas mudanças sociais são ainda desconhecidas. Muitas pesquisas são necessárias para revelar o significado social do fenômeno do tempo livre e do lazer.

g) O Lazer como um Fenômeno Cultural

A cultura é a integração de muitos aspectos, tais como o conhecimento, as crenças, os modos de comportamento, os costumes, as tradições, os valores, a classe social, as leis e outros. Estes fatores funcionam como um todo, de um modo sistemático, afetando e modelando o comportamento individual na sociedade. O comportamento humano não é algo

inerente a ele mesmo, mas influenciado por muitos aspectos também culturais. O que é próprio e aceitável em uma sociedade pode não ser em outra. Cada cultura possui as suas próprias exigências e expectativas; portanto, as pessoas se comportam também de acordo com estas bases de referências prédeterminadas.

Os estudiosos da Antropologia acreditam firmemente que a personalidade pode ser compreendida somente se for conhecido o máximo possível sobre a totalidade do sistema cultural no qual vive o indivíduo. O comportamento social do homem possui as suas origens e as suas razões no meio cultural ao qual pertence.

Características e padrões culturais que têm sido formados de geração a geração tiveram influências sobre as opções individuais e sobre o comportamento humano.

Muitas atividades e manifestações humanas não podem ser totalmente compreendidas, a não ser que se relacione às suas bases, princípios e raízes no contexto cultural. Um dos problemas com os quais se encontram o estudo e a prática do lazer no Brasil é o despreparo de muitos dos profissionais do lazer e da recreação para enfrentar as diferenças culturais da população no manejo com comunidades.

A arte e todas as expressões de criatividade somente podem ser compreendidas com exatidão se forem relacionadas ao contexto cultural dentro do qual foram produzidas e onde possuem significado.

No caso do lazer se poderia perguntar: quais são os fatores psicossociais que fazem com que certos indivíduos escolham e ou prefiram uma série de atividades? Quais os padrões de interesse?

O homem se comporta segundo, a maneira pela qual a sua cultura o preparou e ensinou, a herança genética que recebeu e segundo algo mais que compõe a sua

espiritualidade e que o torna único, indivíduo e unidade em aperfeiçoamento. Esta compreensão inclui a necessidade de se considerar o lazer dentro de um contexto mais amplo ainda pouco conhecido. Por exemplo: será que os valores dominantes da cultura estão refletidos no uso diferenciado do tempo livre? Será que na atual proposta do lazer de massa, na qual o homem é um meio no jogo de outros interesses, a sua individualidade estará sendo respeitada? Estarão os profissionais do lazer considerando as diferenças individuais na prática do tempo livre da população? Como essas muitas, outras questões poderão ser levantadas pelo pesquisador.

Isto indica que o conhecimento sistemático do indivíduo como uma unidade é necessário, a fim de se identificar também os fatores sócio-culturais implicados na dinâmica do processo social; estes fatores afetam os padrões do lazer e da recreação, o estilo de vida, os valores, os objetivos do lazer frente as mudanças sociais.

3. CONCLUSÃO

Em virtude da complexidade do comportamento humano no lazer, causada pelos antecedentes individuais e sociais, o referencial teórico do estudo nesta área, deve estar apoiado na compreensão dos fenômenos psicológicos, sociológicos, e culturais relacionados entre si, numa aproximação psicossocial.

A busca de novas teorias sobre o comportamento no lazer, sob vários enfoques, poderia auxiliar no esforço da investigação no sentido da descoberta de novas metodologias, que viessem explicar as causas e os efeitos dos problemas levantados, aplicados à atual realidade cultural do país. Poderia ainda aperfeiçoar e enriquecer a qualidade do lazer e permitir que a atuação dos profissionais desta área fosse uma vivência com descobertas relevantes e estimuladoras.

A integração de diferentes ciências e a descoberta de novos métodos, assim como o trabalho interdisciplinar, são necessários à fundamentação do estudo sobre o comportamento no lazer.

Para um esquema referencial do estudo do lazer, da recreação e do tempo livre, sugere-se uma visão integrada de vários enfoques de interesse psicossocial no que se refere ao comportamento no lazer: a) o processo de socialização; b) as atitudes e os valores; c) a personalidade; d) a dinâmica de grupo; e) a interação grupal; f) as mudanças sociais; g) o lazer visto como um fenômeno cultural.

Diante dos valores predominantes na sociedade tecnológica e da perda da identidade cultural dos grupos sociais, o profissional do lazer, fazendo ciência, é o educador que na comunidade e com a comunidade repensa a história, contextualiza as suas funções e estabelece relações entre o seu trabalho e as necessidades de transformação social, com vistas ao aprimoramento dos indivíduos, em todas as idades.

Para a solução do problema de dispersão de esforços e das rivalidades teóricas entre os estudiosos do lazer e da recreação, parece ser necessário, aumentar as bases de referências, e reconhecer a importância da integração de projetos na área. Na medida em que se integram as pesquisas, com criatividade e originalidade, se debatem novas teorias, cujo interesse estiver voltado ao bem estar do homem na sociedade, o lazer será melhor compreendido e será desenvolvido como uma ciência que fundamenta e auxilia no processo das mudanças sociais e na liberdade individual do tempo livre.

4. BIBLIOGRAFIA

BRIGHBILL, Charles. The challenge of leisure. N.S. USA. Prentice Hall. Man and leisure, a Philosophy of Recreation, N. J. Prentice Hall, 1961.

DORIN, E. Dicionário de Psicologia. S. Paulo. Melhoramentos, 1978.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. S. Paulo, Perspectiva, 1973.

GAELZER, Lenea. Lazer Benção ou Maldição? Porto Alegre, Sulina, 1979.

Ensaio à Liberdade, uma introdução ao estudo da educação para o tempo livre. Porto Alegre. Luzzatto, 1985.

KANDO, Thomas M. Leisure and popular culture in transition. S. Louis, USA, The C. U. Wosby Company, 1975.

KAPLAN, Max. Leisure Theory and policy. N. York, John Wiley & Sons. 1975.

KILPATRICK, W. H. La función social cultural y docente de la escuela. B. Aires, Losada, 1960.

KRAUS, Richard. Recreation and the schools. N. York, Macmillan Co, 1964.

KRECH, D. *et alii*. Psicologia Social. Madrid. Biblioteca Nueva. 1972.

LOWEN, Alexander. Prazer, uma abordagem criativa da vida. S. Paulo, Summus, 1984.

MILLER e ROBINSON. The leisure age. Its challenger to Recreation. Palmont. (Calif.) Wadsworth, 1963.

MUNNÉ Frederic. Psicosociologia del tiempo libre. México. Trillas, 1984.

NEULINGER, John. The psychology of leisure; research approaches to the study of leisure. Springfields, Charles C. Thornas, 1974.

NEUMEYERS, Martin H. & ESTHERS. Leisure and recreation; study of leisure and recreation in their sociological aspects. N. York. A. S. Barnes, 1958.

PARKER, Stanley. A Sociologia do Lazer. R. Janeiro. Zahar, 1978.

PIEPER, Josef. Leisure the basic of culture. N. York. Mentor Omega Books, 1963.

SPROTT, W. H. d. Grupos Humanos. Buenos Aires, Paidós, 1960.

TOFFLER, Alvin. O Choque do futuro. R. Janeiro, Artenova, 1972.

FIG.1. RELAÇÕES DA PSICOLOGIA, DA SOCIOLOGIA E DA ANTROPOLOGIA CULTURAL COM A PSICOLOGIA SOCIAL NO LAZER

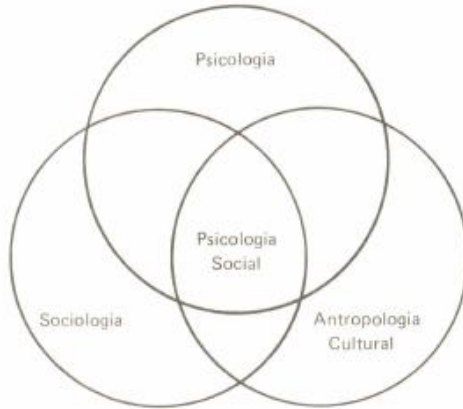
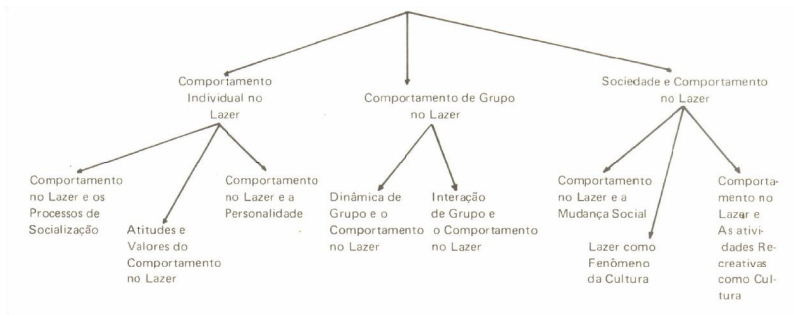


FIG. 2. PSICOLOGIA SOCIAL DO COMPORTAMENTO NO LAZER



SOBRE LENEA GAELZER

Nascida em Porto Alegre (RS) no ano de 1927, Lenea Gaelzer cursou o ensino primário e secundário no Colégio Americano e a graduação na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Filha de Frederico Guilherme Gaelzer, importante incentivador e idealizador de ações relacionadas ao lazer e à recreação no Brasil, Lenea seguiu os passos do pai dedicando seus estudos, sua produção acadêmica e sua intervenção pedagógica para a mesma área.

Depois de concluir o curso de graduação no ano de 1954 buscou aprimorar conhecimentos por meio da realização de cursos de aperfeiçoamento e de especialização em Educação Física e Recreação nos Estados Unidos. No ano de 1959 fez uma especialização na Florida State University assim como um estágio em Recreação no Federal Correctional Institution ambos na cidade de Tallahassee, capital do estado da Florida. Realizou seu Doutorado em Ciências (UFRGS).

No ano de 1975 seu texto "Recreação Pública em Porto Alegre: evolução histórica", foi publicado pela Editora da UFRGS a partir do qual seguiram-se vários outros com temas que focaram o trabalho, a educação e a formação de lideranças recreacionais. Em 1979 publica seu livro mais conhecido "Lazer: Benção ou Maldição" também pela Editora da UFRGS.

No ano de 1984 foi aprovada no concurso de Livre Docência (UFRGS) no qual apresentou o trabalho "Ensaio a Liberdade: uma introdução ao estudo da educação para o tempo livre" transformado no ano seguinte em livro publicado pela Editora DC Luzzatto.

Lenea Gaelzer trabalhou como professora no ensino básico no Colégio Americano, assim como na Superintendência do Ensino Municipal da Prefeitura de Porto

Alegre e na Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul na qual também exerceu cargos de gestão.

No ensino superior atuou como professora adjunta no Departamento de Ginástica e Recreação da Escola Superior de Educação Física desde 1969 e, antes disso ministrou disciplinas no Curso Infantil da Educação Física (1960- 1969). Na UFRGS teve uma atuação de destaque ultrapassando as fronteiras da Escola de Educação Física. Coordenou cursos de especialização e de extensão universitária com participação, entre outros setores, na Câmara de Ciências Biológicas, na Comissão de Extensão e na Comissão de Ensino e Pesquisa.

No ano de 1978 coordenou um convênio de Lazer e Recreação com a Fundação Van Clé da cidade de Bruxelas (Bélgica), cuja finalidade era realizar um levantamento das condições de ensino das escolas públicas de primeiro grau na cidade de Porto Alegre no que se refere à educação para o tempo livre e, a partir de então, instrumentalizar professores para desenvolverem ações de educação do tempo livre no primeiro grau.

Sua trajetória acadêmica foi marcada também pela realização de cursos, encontros, palestras, conferências no Brasil e no Exterior. Uma fatalidade interrompeu sua destacada carreira: um acidente de carro tirou sua vida e de seu marido no ano de 1987 quando estavam a caminho de um curso sobre recreação e lazer na Faculdade de Educação Física na cidade de Santa Rosa (RS).

Figura 1: Lenea Gaelzer em sua banca de Livre Docência em 1984.



Figura 2: Lenea Gaelzer em Maceió, em 1986



Figura 3: Lenea Gaelzer palestrando em um congresso realizado na Colômbia, em 1986.



As três fotografias foram cedidas por Carlos Guilherme Gaelzer



Centro de Memória do Esporte
Escola de Educação Física
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Felizardo, 750
Jardim Botânico
Porto Alegre - RS
90690-200
Tel: (51) 3308-5879
ceme@ufrgs.br

VISITE NOSSO SITE:
www.ufrgs.br/ceme

VISITE NOSSO REPOSITÓRIO DIGITAL:
<http://www.repositorioceme.ufrgs.br>

Este livro constitui-se em um e-book produzido pelo Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS em Porto Alegre (RS) em novembro de 2013.